

AVULSO

1.20 ESC.

ANO III-N. 125

7

OUTUBRO

1943

Mais crianças refugiadas! Mais vítimas da guerra! Mais inocentes colhidos pela engrenagem do ódio dos homens! Estas chegaram agora a Portugal. Têm estado em Espanha e na Suíça e partem para a América... Onde ficaram os seus lares? Onde estão os seus parentes? Quando a guerra acabar — onde irão acolher-se e que laços sentirão a uni-las à família, se é que ainda a têm ou virão a encontrá-la?... Esta interrogação tremenda está posta diante de milhões de pais e filhos. Quem lhes saberá responder?

Entretanto — olhem bem para os seus rostos: mesmo quando sorriem, não há neles um traço de amargor!

Vida
Mundial

ILUSTRADA

Semanário gráfico de actualidades

AQUI dentro NÓS



DR. ARMINDO MONTEIRO
Nos últimos anos, a mais notável figura da diplomacia portuguesa. Regressou recentemente do seu posto de embaixador em Londres, onde recebeu as mais altas provas de estima e consideração do governo inglês, que o condecorou com a Ordem do Banho.



DR. TORRE DA ASSUNÇÃO
Depois de ter prestado brilhantes provas de doutoramento, foi nomeado para o lugar de professor catedrático de Mineralogia e Geologia da Faculdade de Ciências, da Universidade de Lisboa, lugar que ocupará já no actual ano lectivo.



CHARLES OULMONT
As contingências da guerra trouxeram-nos o convívio deste ilustre escritor francês que publicou agora «Bergson» — um curioso ensaio sobre o pensador e filósofo que a morte em condições trágicas roubou às letras de todo o mundo, há dois anos.

«VIDA MUNDIAL ILUSTRADA», com todos os seus serviços, disse um adeus saudoso ao Chiado e mudou-se para a rua da Emenda, 69, 2.º andar. Aqui, junto ao Calhariz de nobres tradições, a nossa Revista abriu já todas as suas secções de administração e redacção, continuando a ser o mesmo o número do seu telefone. Ficam, assim, notificados os nossos amigos, assinantes e leitores de todas as semanas, na certeza de que o seu convívio será hoje, como sempre, benévolo e apetecido...



RELEAMOS, recentemente, «A Comédia de Lisboa», de Gervásio Lobato. Como de certo sabem, os capítulos deste livro são constituídos pelos folhetins quinzenais que Gervásio publicou, há 68 anos, no «Diário da Manhã», dirigido por Manuel Pinheiro Chagas. Cada uma das gerações, filha, neta e bisneta do movimento romântico português teve, na opinião de Pinheiro Chagas, o seu folhetinista. Lopes de Mendonça foi o folhetinista da primeira; Júlio César Machado, o da segunda; Gervásio Lobato — o da terceira. Se Lopes de Mendonça era a fantasia; se Júlio Cesar Machado era o espírito; Gervásio Lobato — era a observação. «A Comédia de Lisboa» traduz, de facto, a rigorosa existência alfacinha, não apenas a existência alfacinha, de 1875, mas — isso é que chega a ser extraordinário! — a existência alfacinha de 1943. A Theodolina, as meninas Pimentas, a M.^{me} Prudhomme, continuam a existir. Encontramos Suas Ex.^{as} todas as tardes.



O «Diário Popular» completou o seu primeiro aniversário. Um ano de actividade para uma publicação portuguesa já constitui, com as dificuldades quasi insuperáveis do meio,

Inventário & Balanço

BARRO AMASSADO

A Feira da Luz, que este ano ficou aberta por mais tempo, é a última feira que se faz ainda dentro do recinto de Lisboa. É uma reminiscência de muitas outras, que se faziam, noutros tempos, intra-muros ou mesmo fora de portas, na área já hoje incluída no perímetro da cidade nova. As feiras desse estilo, efectivamente, perderam a sua razão de ser, porque a facilidade de transportes leva o comprador interessado onde lhe aprouver demandar produtos na origem, como traz o produto, oportunamente, a oferecer-se à curiosidade e escolha do comprador. Mas há, ainda assim, de certo modo, o apêgo à tradição, numa prática que o sabor pelo pitoresco deixa justificar. Estas feiras, ainda regulares na provincia, faziam-se em dias certos, e algumas delas ganharam celebridade pelo volume das transacções que nelas se faziam ou pelo carácter dos artigos que se expunham para negócio. Tanto a feira era tida em conta de instituição generalizada, que passou a ser de uso corrente, como expressão significativa de desagrêço por opinião emitida, a que se resume neste murmúrio: — Com o que ele hoje vem à feira...

As feiras mais famosas, hoje, por esse país além, são ainda as feiras de gado. A da Luz tem uma especialidade: as louças. É de coisa de dar gosto ver os portentos de arte que se encontram em muitas dessas peças de arte popular. As indústrias da cerâmica, que entre nós se presumem estabelecidas em moldes aperfeiçoados a partir do século XVI — com influência castelhana e holandesa — ganharam rapidamente um grande número de praticantes, que revelaram sempre um apurado gosto de execução. As louças finas de porcelana já hoje se fabricam entre nós com o melhor requinte, mas é na faiança — que é, aliás, de procedência italiana — que mais accentuadamente se podem descobrir os motivos portugueses. Mesmo na mais rudimentar olaria há sempre, na execução da obra, uma harmonia de linhas elegantíssimas: Tondela, Barcelos, Alcobaça, Vila Viçosa, Viana do Castelo, Aveiro, Póvoa e Lisboa. E por toda a parte, mesmo onde a tarefa é executada sem quaisquer dos aperfeiçoamentos que a técnica põe à disposição da arte, se descobre o mesmo requintado gosto das coisas simples, com ânforas famosas, de proporções variadas, mas sempre de um encanto tão puro como completo.

Nas Caldas da Rainha fêz-se escola. Os ceramistas da região caldense têm razões para se orgulhar de um nome que figura entre eles: Rafael Bordalo Pinheiro. Este, porém, era um artista de temperamento e de escola, com direito à nomeada que obteve. Mas há os outros, os anónimos, os que não chegam a ser classificados de artistas, mas são, mesmo assim, artifices meticolosos, a quem, mesmo subconscientemente, há um sópro interior de arte que lhes faz palpitir os dedos engenhosos quando modelam a argila — a mãe de todos os portentos que nos deliciam os olhos sempre sedentos de motivos inspiradores de novas sugestões.

Vida MUNDIAL ILUSTRADA
PUBLICA-SE TODAS AS QUINTAS-FEIRAS
DIRECTOR: JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
EDITOR E PROPRIETÁRIO: JOAQUIM PEDROSA MARTINS
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: R. DA EMENDA, 69-2.º — LISBOA
TELEPHONE: 25844

um motivo de felicitações e aprêgo. Mas o «Diário Popular» vale mais do que pelo facto em si de completar um ano de existência: vale também porque é um jornal diferente, moderno — e constitui, não há dúvida, um caso no jornalismo português. Por isso, daqui lhe endereçamos os nossos cumprimentos.



MAESTRO FREITAS BRANCO
Um nome de grande projecção nos circuitos internacionais de música, acaba de se dirigir a Londres para cumprir um programa de concertos que constitui uma honrosa deferência para com o ilustre chefe de orquestra português.



CHEGOU o Outono. Choveu. A terra, que o sol escaudou durante o verão, palpita agora numa leve frescura verde. Uma luz ligeira, dum doirado pálido, envolve a natureza. Toda a paisagem se adoça. Avueludam-se todos os horizontes. Sob a névoa úmida, as azeitonas crescem; verdejam os ouriços; despontam os nabais. De quando em quando, sente-se já uma leve crispação de frio. Aparece o primeiro «cache-col» de seda. Surge o primeiro pijama de flanela. A nosso lado, Setembro fez as malas para regressar à cidade. Não há dúvida: o Outono chegou. Chegou, na opinião, não diremos dos poetas, mas dos prosadores, a mais linda estação do ano em Portugal.



HA pequenas coisas que são grandes coisas. Esta por exemplo: poder calcular os anos que ainda temos para andar neste mundo. O processo é infalível — como todas as fórmulas matemáticas. Diminui-se do número 88 — este número é que constitui a verdadeira chave do segredo — o número de anos que atingimos no momento de efectuar a operação! divide-se o resto por dois: o quociente obtido equivale ao número de anos que nos restam para viver. Demonstraremos. Gentil leitora, tens 24 anos — quantos anos ainda viverás? É simples. 24 para 88 — 64; metade de 64 — 32. Viverás ainda, nada mais nada menos, do que 32 anos. Parabéns!



PROF. DR. JOAQUIM FONTES

Uma comissão de médicos vai promover-lhe expressiva homenagem, editando a lição do seu concurso. Essa lição será distribuída pela classe médica, e entregue ao homenageado numa sessão solene.



MILÚ
Vai regressar a Portugal. Dentro de dias, voltará ao convívio fugidivo dos portugueses, porque a gentil estrelinha do cinema peninsular em breve tornará a Espanha para filmar de novo e seguir, então, a caminho de Hollywood — onde pela primeira vez uma portuguesa triunfará. Porque Milú, temos a certeza, vai triunfar...

MARIKA RÖKK

A M U L H E R
E A
A R T I S T A



A popularidade dum vedeta é função da latitude e longitude do lugar e pode considerar-se directamente proporcional ao número de filmes exibidos no ponto de cruzamento das coordenadas geográficas. Há que ter em conta, claro está, as excepções que justificam as regras, mesmo quando são como estas enunciadas com tão pitoresca formalidade...

Laurence Olivier e Vivien Leigh vieram a Lisboa. O público manifestou por eles um interesse muito menor do que aquele com que acolheu Annabella e Tyrone Power. Louis Jouvet passou quasi despercebido. E para verem, ainda que fugidamente, Charles Boyer houve mulheres que passaram horas defronte das portas do Aviz, esperando em vão a desejada oportunidade, que não chegou.

Marika Rökk não é conhecida dos cinéfilos portugueses. Os filmes alemães, arredios das nossas telas, limitaram-se a mostrá-la, na primeira fase da sua carreira cinematográfica. Datam de então *Cavalaria Ligeira*, *O Estudante Mendigo* e outros de igual quilate. E, no entanto, esta rapariga húngara é hoje um ídolo do público alemão e talvez uma das vedetas mais completas que trabalham nos estúdios de além-Reno.

À sua chegada não houve encontrões ou pedidos de autógrafos, moeda em que se avalia a popularidade dum artista, perante as multidões. Se fôsse necessária a intervenção da polícia e se a vedeta ficasse com o fato às tiras — a homenagem dos admiradores tomaria foros de apoteose e de consagração popular.

* * *

E, no entanto, os cinéfilos perderam por não ver Marika Rökk. É uma lindíssima mulher. Tão bonita, que os próprios jornalistas não acertaram em descrevê-la. O *Diário Popular* disse que ela tinha «olhos cinzentos e cabelo côr de oiro velho». O *Diário de Notícias* afirma que é «ruiva, de olhos azues». O *Século* afina com o confrade da manhã no tom da cabeleira, mas canta a formosura dos «grandes olhos verdes-cinzentos».

VISTA POR FERNANDO FRAGOSO

De aqui se conclui que a beleza da mulher depende dos olhos de cada um de nós — verdade imutável, consagrada pelo rodar dos séculos.

* * *

Alguém notou, e muito bem, que as vedetas europeias, fora da tela e sob o ponto de vista físico, nos desiludem menos do que as suas colegas de Hollywood.

Isto não quer dizer que as americanas sejam menos belas do que as mulheres de aquém Atlântico. Quere dizer apenas que os seus caracterizadores são muito melhores. A beleza real deixou de interessar o cinema dos Estados Unidos. Porque os pincéis dos «maquilleurs» e os produtos de Max Factor «fabricam», em série, as mulheres de sonho...

* * *

Marika Rökk é uma rapariga espirituosa. Preguntaram-lhe, à sua chegada a Lisboa: — Que tal achou a paisagem portuguesa?

— Em boa verdade não a pude ajuizar, voltou a artista. E depois com um sorriso, a desculpar-se: — ...Vinha a dormir.

De resto, como se sabe, o «Luistânia-Expresso» entra em Portugal pela noite velha e o sol só aparece quando começa a doirar os olivais de Santarém e a desfazer a poalha matutina, que embacia as águas adormecidas do Tejo...

* * *

Marika Rökk fala apenas o alemão e o húngaro, línguas que os jornalistas não dominavam com facilidade. Amáveis intérpretes, com Artur Duarte à cabeça, levaram as perguntas e trouxeram as respostas...

A certa altura, Augusto Fraga apostou com os colegas ser capaz de lhe fazer uma pergunta em alemão. E com efeito — o espírito da audácia e aventura não morreu na raça portuguesa — arriscou uma interrogação, laboriosamente estudada.

Marika Rökk pareceu deslumbrada com a homenagem, mas acrescentou, com um sorriso malicioso:

— Sob o ponto de vista gramatical e no que se refere à pronúncia, a frase está perfeita. Simplesmente, não é amável perguntar «quando é que me vou embora». Deveria antes dizer: «Quantos dias se demora?»

* * *

Marika Rökk penteia-se «à refugiada», para nos servirmos da expres-

são popular. Cabelo levantado na nuca e enovelado caprichosamente. A segurar as madeixas, a vincar as ondas, inúmeras travessas cravejadas de pedras coloridas. À primeira vista, dir-se-ia que tinham sido compradas numa barraca da Feira da Luz... Mas as aparências iludem!

raca da Feira da Luz... Mas as aparências iludem!

E ficámos a pensar no que diriam as burguesinhas do Estoril, se vissem a vizinha do tóldo pretender lançar a moda, corajosamente...

* * *

A vedeta recebeu a Imprensa no «bar» do Aviz. E dedicou fotografias aos jornais — e aos jornalistas presentes. Marika Rökk começou por escrever em português, copiando laboriosamente modelos desenhados, em letra garrafal... Depois assinou algumas fotos, precedendo-as de amáveis palavras em alemão.

Fernando Garcia, do *Diário da Manhã*, pediu-lhe que a sua dedicatória fôsse escrita em húngaro. E Marika Rökk explicou que, na língua materna, o apelido precede o nome. E, assim, apareceu «Garcia Fernando», no meio de simpáticas palavras de saudação. O que levou alguém a dizer que se tratava dum verdadeira mensagem a Garcia...

* * *

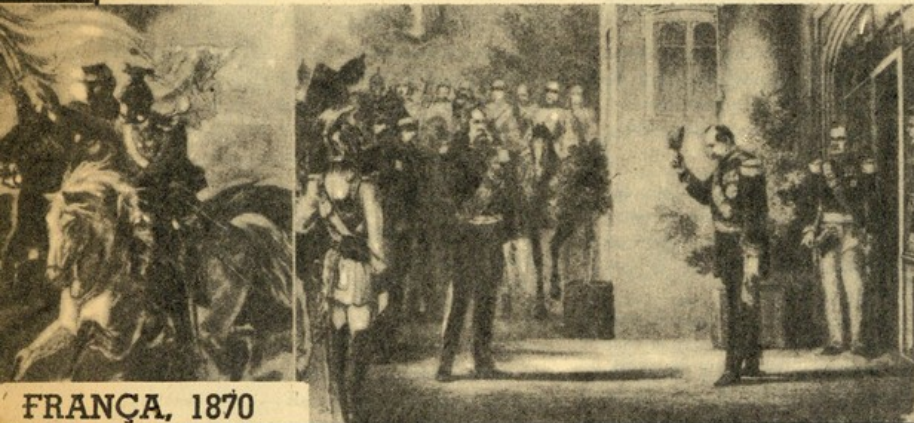
Marika Rökk, vedeta célebre, apareceu-nos como uma mulher lindíssima e, o que é mais, como uma mulher de espírito. E esta é a nota de reportagem que nos parece digna de ser posta em relêvo.



Com as minhas saudações
para o Judo Mundial
Marika Rökk

NA RONDA DA HISTORIA

HA' MUITAS CAPITULAÇÕES...



FRANÇA, 1870

Reille dirige-se ao campo prussiano para entregar a Guilherme I a missão de Napoleão III. Vemos os dois imperadores ao lado, na entrevista de Donchery, depois da capitulação francesa.



FRANÇA, 1940

Em Compiègne, diante do vagão onde em 1918 foi assinado o armistício, os delegados franceses, conduzidos pelo general Hunziger, chegam para conferenciar com os delegados alemães. As negociações da França com a Itália (na foto à direita), realizaram-se perto de Roma. O general Roatta lê o texto da convenção do armistício, vendo-se à sua esquerda, de costas, o conde Ciano.



ITÁLIA, 1943

Mas há mais. O cortejo de capitulações dessa Grande Guerra prossegue... Carlos de Habsburgo, do seu castelo de Goedeolte, escreve ao imperador Guilherme II: «é meu dever, embora muito me custe, fazer-vos saber que o meu povo não é capaz nem está resolvido a continuar a guerra... Viena é abatida. E vem a última fase dramática das capitulações: uma carruagem deixa Paris, dirige-se a Compiègne. No centro dessa carruagem pequena — há uma grande mesa. Podem chegar os alemães que há-de Hidir-nos sobre a quebra das armas e um novo mundo de paz. Foch dita as condições. Em Paris, Clemenceau soluça: «é idiota, não sou senhor dos meus nervos... Mas eu vi 1870!» Junho de 1940. A velha carruagem-museu de Compiègne enche-se outra vez de gente. Os papéis mudam. Hitler está no «fauteuil» de Foch, Hunziger representa o papel de Herzberger... É ele que tem de ir a Roma: com Badoglio, assina as condições do Armistício com a Itália, vencedora de um país vencido antes de ser por ela atacado... Enfim, 3 de Setembro de 1943. A França em guerra — no dia da assinatura do armistício, De Gaulle proclamou da Inglaterra: «a guerra continua!» — ao lado de ingleses e americanos dita condições à Itália vencida. Este é o último capítulo de dois séculos de capitulações. Até quando, porém?



RUSSIA, 1917



AUSTRIA, 1918



O imperador Francisco José pouco antes da sua morte, pelo braço do arquiduque Carlos de Habsburgo, que lhe sucedeu e que mais tarde concluiu a paz separada com os Aliados. Mais lá, os delegados austríacos saem do castelo de St. Germain-en-Laye, onde foram discutidas as condições da paz.



ALEMANHA, 1918

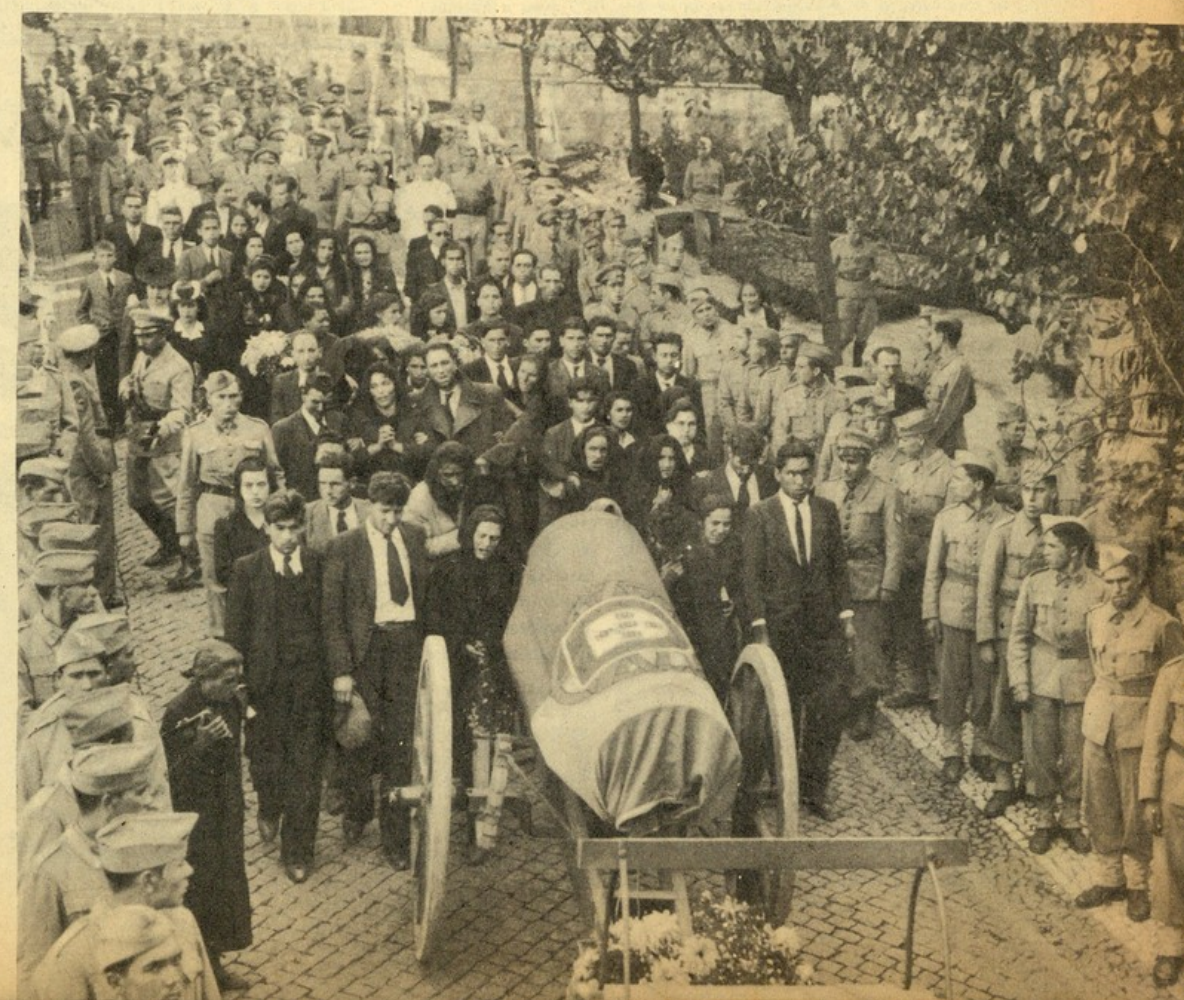
Os delegados alemães chegam às primeiras linhas francesas, a 7 de Novembro de 1918, pelas 21 horas. Quatro dias mais tarde, era assinado o armistício — a 11 de Novembro. O marechal Foch vê-se à direita, levando a preciosa pasta onde se contém as condições do armistício, assinadas pelos delegados alemães.



VITIMAS DA AMEIXOEIRA

UM TRIBUTO DE VIDAS QUE A PATRIA NAO PEDIU!...

SEGUNDA-FEIRA, 27 de Setembro, às 6.10. A cidade dorme os últimos momentos dessa madrugada tépida. Daí a pouco, tudo despertará. Mas, de repente, coisas e pessoas são sacudidas por convulsão espantosa. Janelas que batem, um som grave de bomba que se esfacela, esfacelando. Que se passa? Talvez um tremor de terra, talvez uma detonação, talvez um pé de vento. Para as bandas do rio, a cidade volta-se para o outro lado e adormece outra vez. Para os lados da Ameixoeira, porém, as pessoas vivem a trágica explicação das coisas. O Forte, atascado de pólvora, vai em parte pelos ares. A explosão pulveriza, derruba, vence obstáculos: casas, árvores — 6 homens que mata, mais de duas dezenas que fere. O sr. Presidente do Conselho, como Chefe do Governo e ministro da guerra, comparece. Vem os socorros, faz-se o rescaldo da tragédia — tratar dos vivos e enterrar os mortos... Cinco vidas moças de soldados da guarda do Forte, da Ameixoeira são ceifados. O que eles representavam para os seus — di-lo a última foto, impressionante como uma tragédia viva!...



SÉTIMA ARTE

Vamos ter filmes de desenhos animados?

SERÁ possível fazer-se cinema em Portugal, com desenhos, como se faz lá fora?

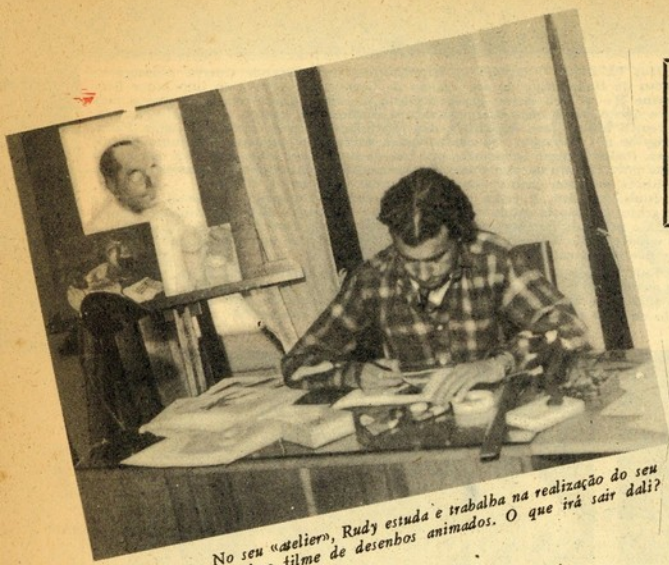
Os americanos parece terem o monopólio desse segredo de articular bonecos ou pôr em movimento um mundo maravilhoso de fantasia. Mas, até que ponto podem despertar em nós o sentido de realizar por imagens desenhadas esse mundo de fantasia — isso é que nem nós nem os americanos podem naturalmente assegurar...

Em Portugal há já muitas tentativas. Mário Costa, por exemplo, chegou a bons resultados. Agora, porém, outro artista principia: Rudy, que é um ilustrador e um pintor de mérito. Nesse magnífico documentário que Adolfo Coelho há pouco apresentou no Coliseu, sobre a larva da batata, apareceram os seus primeiros trabalhos no género. Agora, porém, outro de mais fôlego se anuncia: «O escaravelho americano», de que damos duas imagens. Vamos ver S. Ex.^a embarcar na América. Rudy vai dar-nos estas imagens em 2 minutos — um vulgar filme de desenhos animados demora o máximo de dez a passar — enquanto, naturalmente, não nos pode dar desenhos coloridos, reclamantes de material que a guerra não consente chegar cá.

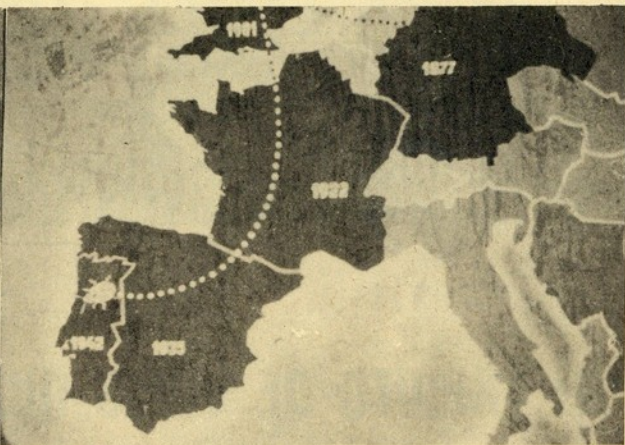
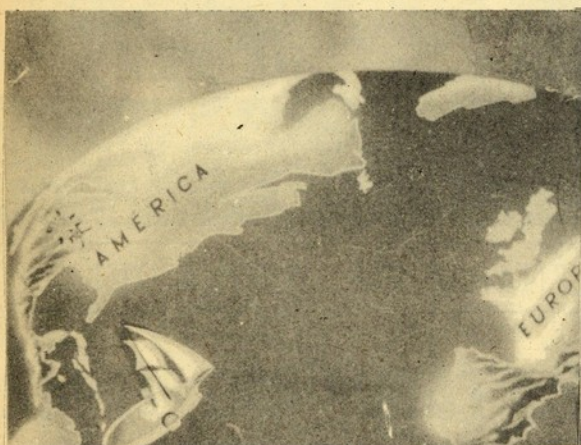
Para preencher estes 2 minutos, sabe entretanto, o leitor quantos bonecos são precisos? Qualquer coisa como 3 mil e quinhentos...

Cada segundo de projecção comporta cerca de 32 imagens — tão quasi iguais umas às outras, que no papel mal nos apercebemos da sua «situação» ou da mudança das suas altitudes...

Rudy é um artista de sensibilidade e imaginação. Está agora a trabalhar com entusiasmo. Ah! que se nós pudessemos saber em pormenor, o que éte pensa e projecta sobre desenhos animados!...



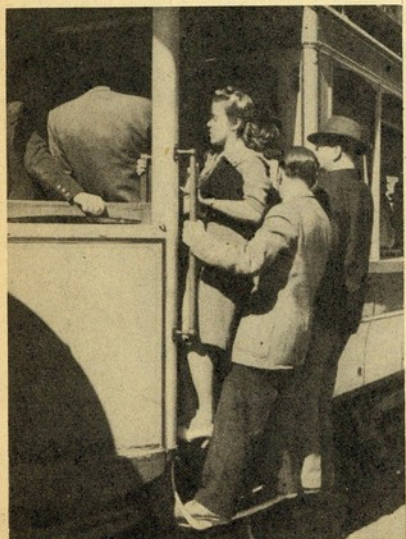
No seu «atelier», Rudy estuda e trabalha na realização do seu próximo filme de desenhos animados. O que irá sair dali?



Sua excelência o escaravelho, embarcou aí por 1877 para a Europa...

...e chegou à Alemanha pouco depois. Dali se espalhou até chegar a Portugal em 1942

S Ó P A R A D A M A S !



OS meninos «swings», muito delicadoces, os merceiros, os operários, os intelectuais, os homens da finança e da manga de alpaca — lêem todos pela mesma cartilha: não há forma de serem delicados com as damas! Nos carros eléctricos, então, nem se fala. Como estão habituados aos sócos e aos pontapés do «box» e da bola — zás, só aranjam lugar a «murros»!

Século de luzes, de progresso, de cultura, éte nosso, — e em que o homem perdeu o culto da delicadeza pela mulher, só com raiva da competição que ela lhe oferece...

Mas será só entre nós? Vamos, lá, vamos lá!... O mal é como a sarna e pega-se. Lá fora também se queixam. As argentinas, por exemplo, protestaram tanto contra a indelicadeza dos homens, papadores de todos os lugares nos «eléctricos» — que acabaram por obter «carros só para mulheres»!

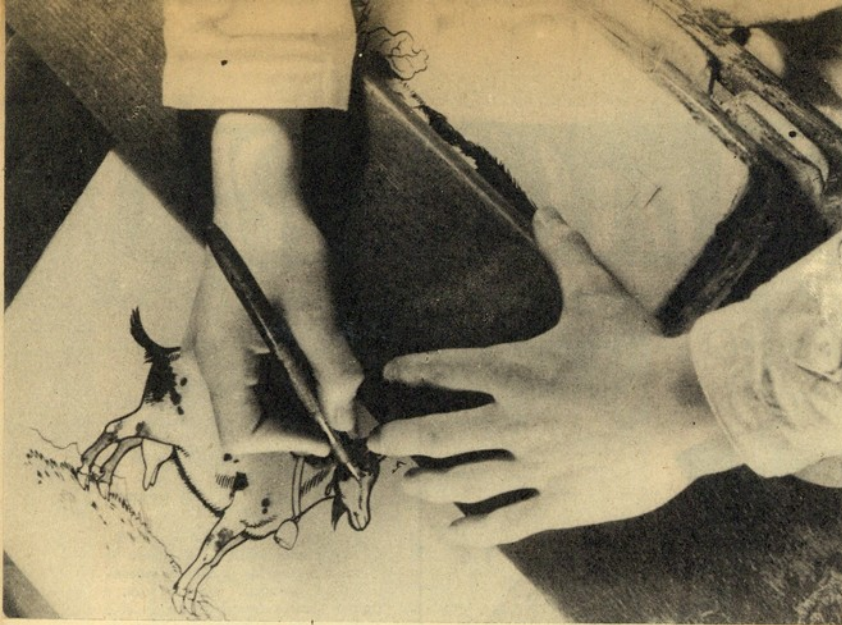
Agora, elas sabem que se não vão sentadas nem entram em primeiro lugar, é porque outra mulher goza do seu privilégio. São todas «sexo fraco». Agora éles, que são «sexo forte» e não se têm nas pernas, que se arranjam!...

Que nos dizem a estas fotos, minhas senhoras? Acham bem, senhores que já não sabem ser cavalheiros?



PELA GUERRA E PELA PAZ

Há sempre MÃOS CRIADORAS!



AS mãos criadoras são o símbolo da vida humana da nossa época. Encarnam o aspecto produtivo da guerra e constituem a compensação do seu destino destruidor, porque criam, constroem.

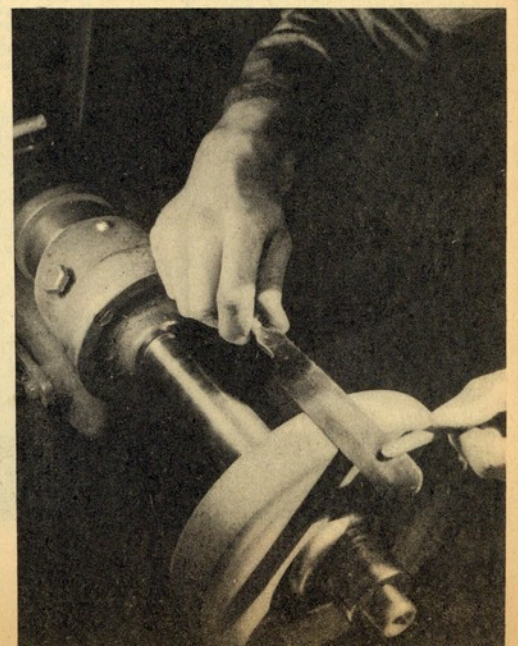
Cada um de nós, da geração actual, encontra-se, consciente ou inconscientemente, sob a coacção deste segundo aspecto da guerra, a coacção do querer criar. Bem entendido, não se trata aqui duma coacção externa, mas sim do destino do nosso momento histórico, ao qual ninguém pode fugir.

Mãos criadoras — como na mecânica, que, como lei suprema da matéria, domina não só no nosso planeta, mas também em todo o Universo — são a mais simples base da lei das compensações. Dizem os matemáticos — o ângulo de incidência é igual ao ângulo de reflexão, e assim também os acontecimentos da nossa época têm de obedecer àquela lei.

A guerra destrói e impõe ao Homem a lei da criação. A guerra destrói vidas e em poucos anos traz aos povos que nela participam cifras de nascimentos mais elevadas do que nos anos de paz.

Por isso se devia ver nas mãos criadoras do povo alemão não só um símbolo da produção, mas também a expressão duma lei intangível da Natureza.

Mãos criadoras são a expressão da energia saudável dum povo. Pela paz ou pela guerra, há sempre a heróica odisséia de umas mãos que trabalham, que modelam a vida em novas expressões de um mundo permanente...



CALCADA DA GLÓRIA

NOTA DE ABERTURA

LEMBRAM-SE do quadro de Malhoa «A chegada do Zé Pereira»? Numa pequena aldeia, semi-oculta na encosta, adivinha-se um ar de festa. Vêm-se bandeiras e galhardetes. De mastro a mastro, pendem grinaldas de verduras e balões. A música acaba de chegar ao arraial. À frente, o bombo; a seguir o tambor; depois a gaita de foles; atrás, os mordomos; por fim, o povo. O céu cintila. Tem-se a impressão de que se ouvem estralar os foguetes. Tudo o que há de vivo, de alegre, de característico, de pitoresco, de vagamente selvagem na alma rústica portuguesa — está ali. Pois bem. O quadro de Malhoa surgiu, há dias, diante de mim, em plena realidade. Como se as figuras do grande mestre da pintura se tivessem animado dum imprevisito sópro de vida — assisti, da minha janela, nesta pequena ecloga beirôa onde me encontro, à chegada do Zé Pereira. Tremulavam as bandeiras. Estralejavam os foguetes. O povo ria e dançava — como num auto de Gil Vicente. Não há dúvida. Malhoa permanece, gloriosamente, no vigor da sua tinta. Por sua vez, o «Zé Pereira» mantém-se, intrépidamente, na sua missão de fazer barulho.

DIALECTOS

Dizem-nos que no filme «Ave de Arribação» se lê, a certa altura, esta legenda da autoria de Armando Miranda: «O amor e o luar são eternamente de todos os tempos». A propósito perguntava-nos ontem um amigo nosso:

— Estaremos em presença dum novo dialecto mirandês?

COMPLICAÇÃO

Cardoso Marta exhibia, há pouco, um semanário escalabitano onde se lia, na notícia dum funeral: «Os corpos directivos da Sociedade, na sua totalidade, encorporaram-se no fúnebre cortejo, tendo alguns membros da direcção, que não puderam comparecer, apurados a chegada no cemitério.»

LONGITUDE

Guedes de Dion, o conhecido radiologista — dizemos radiologista porque fala na Rádio — cumpre agora como miliciano os seus deveres militares. Há poucos dias, depois duma marcha de quilómetros, o nosso Guedes de Dion deixou-se cair, heroicamente, sobre uma pedra, e comentou para um dos seus colegas:

— E ainda há quem se atreva a dizer que Portugal é um país pequeno!

CHAPÉUS HÁ MUITOS ?

Afonso de Bragança, curioso espírito que o nosso jornalismo cedo perdeu, dizia uma vez numa roda de amigos:

— Corri esta manhã quinze chapéus. Em nenhuma encontrei chapéu que me servisse.

— Porquê? Tens assim uma cabeça tão esquisita? — perguntaram-lhe.

— Não. A minha cabeça é igual às

RIBEIRINHO, RIBEIRÃO



Saindo um «touriste» a ver as maravilhas do mundo, chegou a Lisboa, e encontrou um «ciceroni» que o leva ao teatro.

CICERONI

*Ó «touriste» que pisas venturoso
A Lisboa amada, a fundação de Ulisses,
Que te move a deixar regiões fenices
Por buscar lusas terras, cuidadoso?*

TOURISTE

*Sulco o mar, giro o orbe curioso
Pra ver o que, talvez, tu nunca viesses,
Do engenho e do poder fartos felizes
E quanto no mundo fôr maravilhoso.*

CICERONI

*Vem comigo porque eu te encaminho,
Aíra ao ombro um manto de veludo,
E transforma em pasmo o teu risinho...*

TOURISTE (já no teatro)

*Razão tendes, senhor! Eu fico mudo!
E este, então o grande Ribeirinho?*

CICERONI

Embarca-te outra vez. Já viste tudo.

D. FREI LUIS, DEVOTO DE SÃO FRANCISCO

outras; mas o que eu queria era um chapéu de borla...

PARENTESCO

Numa recepção elegantíssima:

— V. Ex.^a, minha senhora, ainda é parente do visconde das Relvas, não é verdade?

— Sou. A minha cadela é irmã do cão da mulher dêle.

O SEABRA

As Memórias da linha de Cascais, interessantíssimo volume de Branca de Gonta Colaço e Maria Archer, evocam, na nossa memória, muitos factos e figuras conhecidas. Uma delas é o Seabra, o célebre Seabra da Quinta da Princesa, a Pedrouços, homem notável pelas suas botas e pelas suas «gaffes». Dizia coisas dêste género:

— Que rica mulher vi ontem em São Carlos. Fiquei de olhos boqui-abertos... Etc.

ANÇÁ E O REI

Ançã, o velho lobo do mar que só duma vez salvou trinta vidas, foi um dia recebido no Paço. Quando se abriu a porta duma grande sala e apareceu o «arraiz» — era assim que êle chamava ao Rei — o velho Ançã, que nunca tivera medo das ondas, desatou a suar e a tremer como varas verdes.

— Veio-me à bôca — contava êle — uma grande vontade de «escupir» e não tive remédio senão «escupir» no barrete, não desfazendo na real pessoa...

OLIVEIRA MARTINS

Há pouco, folheando velhos papéis, encontrei esta «nota» que não deixa, penso eu, de ter a sua curiosidade.

Um dia, Oliveira Martins deixou o Pôrto e veio instalar-se em Lisboa. Lisboa acolheu-o de braços abertos. O Messias das Águas-Férreas depressa se converteu, pelo menos para muitos, no Messias dos Caetanos — alusão à rua onde foi morar. Ingressou nos Vencidos-da-Vida; estendeu a mão à Política; relacionou-se com o Paço; e tendo-se insinuado no ânimo do príncipe D. Carlos, não hesitou, segundo se afirma, em dizer-lhe certa ocasião, proclamando a vantagem da unificação ibérica:

— Faça-me Vossa Alteza, quando fôr rei, presidente do Conselho, que eu o colocarei no trono de tôdas as Espanhas!

Seria assim?

COMO SE ESCRVE A HISTÓRIA!

Há pequenos episódios a que as circunstâncias vêm, mais tarde, dar um significado histórico.

Quando os últimos reis de Espanha fizeram a sua celebrada viagem à Itália, Afonso XIII, em pleno Quirinal, batendo familiarmente no ombro de Primo de Rivera, então seu Primeiro Ministro, exclamou, dirigindo-se a Vitor Manuel:

— És mi Mussolini!

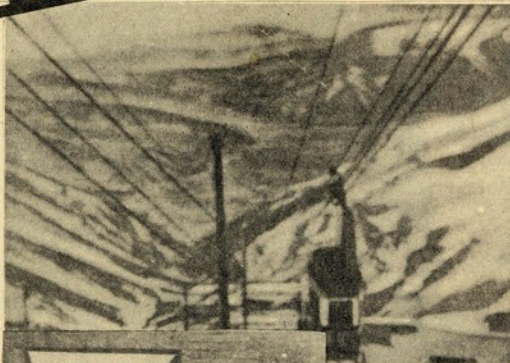
Logo Vitor Manuel, num sorriso, apontando o Duce:

— És mi Primo!

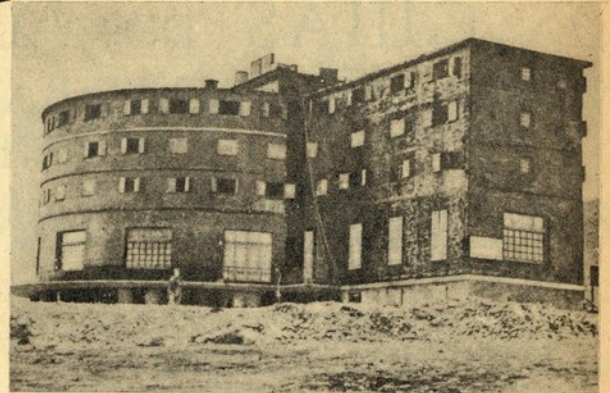
UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

À RODA DO MUNDO...

O RAPTO DE MUSSOLINI...



Foram estes três paraquedistas quem, assim vestidos, sob o comando de Skorenzy, levou a efeito o audacioso rapto nos Abruzzos. Ao lado, vemos Mussolini, à paisana, com os seus libertadores, à saída do presídio e, em cima, vemos o telefoto oculto entre as rochas e que estava guardado por carabinieri.



Perdido entre penhascos, no cimo da montanha, esta casa com ar de fortaleza durante uma semana ocultou o antigo «Duce» italiano, Benito Mussolini, até que o foram buscar os soldados de Hitler.



...E OUTRAS COISAS MAIS...



Sabem quem é esta linda rapariga que chegou ao norte de África para cantar na rádio e distrair os soldados aliados? Yvette — uma cantora por quem Lisboa por pouco não chorou, quando há meses se deu o desastre do «Clippers» sobre o Tejo! Esteve entre nós, doente, algumas semanas e, um dia, disse um adeus de reconhecimento a Portugal!... Agora, ei-la na sua simpática missão: divertir os soldados...

Vão recomençar as grandes batalhas navais, com navios de superfície ou insistir-se-á na batalha misteriosa de submarinos — essa arma a que chegaram a chamar indigna — uma espécie de navalha traiçoeira? A Alemanha anunciou uma nova investida nos mares, e é de presumir que esteja apenas a refazer-se das perdas da Primavera e à espera da cumplicidade do Inverno oceânico para investir de facto. Entretanto, a expectativa continua e faz-nos poisar os olhos neste barco — um barco de carga inglês colhido nos mares do norte...



LIÇÃO DE SACRIFICIO

OS GUIAS DO ALPINISMO HEROIS QUE NAO SE BATEM EM CAMPANHA!

EM Portugal, o alpinismo não existe — se não temos os Alpes... — e os grandes cães S. Bernardo, por exemplo, não se criam para a missão nobre e corajosa de salvar os que se enterram na neve ou se precipitam pela bocarra enorme de um desfiladeiro pérfido... O corajoso, o valente Serra da Estrêla, bom companheiro do pastor e do rebanho — é o único que se cria para a missão honrosa de buscar desaparecidos e encaminhar descaminhados.

Também os caminheiros são poucos pelos cumes dos montes — o ponto mais alto, a menos de 2 mil metros, é na Estrêla — e os guias não têm escola nem formam profissão.

Lá fora, porém, não é o mesmo. A França, por exemplo, mais montanhosa, não prescinde das travessias perigosas — e o desporto fortifica-se sob o pretexto e o estímulo de uma necessidade aparente.

Passou o mês de Agosto — o mês do alpinismo por excelência. E os franceses precipitaram-se — passe o paradoxo... — para os cumes dos maciços alpestres, nas escaladas perigosas dos Pirineus. Mas o verão — também lá! — foi tempestuoso e a terra como a rocha foi traiçoeira sob os passos de alpinistas aventureiros. Houve mortos. E os guias todos os dias, de grossa corda ao ombro, bateram a montanha à procura das vítimas da inconsciência e da paixão do alpinismo. Foi na escola do sacrifício e da experiência que esses dominadores da montanha se formaram — mas para ser guia é preciso prestar provas teóricas e práticas, com demonstrações de utilização de material e largas exposições sobre topografia, orientação de ventos e previsão do tempo.

Os examinadores são todos velhos áses da montanha, e os filhos herdam dos pais esta nobre lição de sacrifício — de sacrifício da vida, quantas vezes...



Ambroise Henri Garny. Tem 64 anos, conta algumas dezenas de ascensões ao Monte Branco e foi guia do Refúgio Valot.



Joseph Conttel, de 1931 até hoje, sessenta vezes trepou ao Monte Branco, incluindo as excursões pelas vertentes italianas, que são as mais perigosas. Percorreu as grandes montanhas suíças, foi guia da rainha da Holanda, da princesa Juliana e do príncipe consorte. Durante a Grande Guerra, 12 vidas salvou e esteve três anos agregado ao 2.º batalhão de caça alpino. Hoje, é apenas um mutilado que se ocupa só das flores do seu jardim.



Alfredo Halmat, chefe de guias, é, desde 1904, moço do Refúgio Valot. Ajudou o levantamento topográfico da 1.ª Região montanhosa, contando já mais de 200 ascensões ao Monte Branco, pelo que lhe foi concedida a medalha de ouro de salvaguarda.



Jules Imbert, o gigante das montanhas, com o seu metro e 95 de altura, dirige ainda, não obstante os seus 68 anos, o Refúgio Roquin, a 2.916 metros de altitude. Foi guia do rei Alberto, da Bélgica, e a rainha da Holanda ofereceu-lhe, como recordação da sua ascensão ao Monte Branco, um lindo relógio de ouro. Já salvou 20 vidas e fez 150 grandes ascensões.



Armand Charlot, um dos mais famosos guias franceses e o primeiro alpinista que empreendeu a subida à «L'Aiguille du Diable», que é a mais perigosa ascensão de montanha.



FILHO DE SÃO FRANCISCO

o padre Manuel Alves Correia

EXEMPLO DE CULTURA CONVENTUAL

ESCREVER humilde ou modesto ou, ainda, qualquer outro apelativo fácil de encontrar, após a sóbria expressão «Filho de São Francisco», seria abuso fácil, talvez vil, a tratar-se desses homens cuja vida de renúncia e trabalho todo o português conhece.

No caso particular do padre Manuel Alves Correia, os meus pobres adjectivos resultariam, a mim próprio, odiosa super-estrutura. E, como todas as edificações nascidas, somente, da fantasia ou da boa-vontade, sorumbática lisonja. De resto, quem não conhece esse sacerdote altíssimo, inalteravelmente magro, de epiderme queimada, amarelecida ou arroxeada pelo esforço intelectual? Na sua longuíssima jornada de trabalho, os dias encadeavam-se em comoutras variantes da iniquidade, essa velha compadeavam, no esforço e na inteligência, só deixando de ler e de escrever quando os médicos a tal o obrigam.

Ainda nesses curtos repousos, a mocidade espiritual desse sacerdote, considerado unanimemente por todos os seus confrades como o mais sabedor e o mais permanente dos valores da província portuguesa de São Francisco, compele-o a uma incessante actividade de exacta erudição. Conversar com ele é manusear fértil biblioteca; e tudo apresentado simplesmente, sem desfiguradores ornatos ou a mínima truculência verbal. Tais frutos da cultura conventual representam a projecção de milénios de tensão erudita: buscar minuciosas no Passado a fim de assegurar a projecção espiritual do Futuro.

Agora, ultimou a versão portuguesa da «Ilíada», que em breve deve aparecer, completando-se assim o esforço inicialmente feito com o padre Palmeira para o lançamento da «Odisséia». Rejuvenescido assim o poema homérico, saltitante de intelectual louçania na livre efabulação das suas notas, as quais representam quasi tanto como o texto transposto, ele representa uma articulação nova e simples, que põe o óptimo fruto helénico ao alcance do mais rudimentar entendimento ou desprovida inteligência.

Obras de valor permanente, provado na constante aplicação e exercício que delas têm feito todas as literaturas, faltava-lhes um contexto português, e por isso melhor guia-itinerário não podiam encontrar os seus editores para além das humanidades sábias e sentidas do padre franciscano Alves Correia.

Mas um outro monumento lhe deve trabalho: restauro, e esse estritamente português: a «Imagem da Vida Cristã», de frei Heitor Pinto da Covilhã. Frade jeronimo, ali deixou, em quatro opulentos volumes desta edição popular, toda a enxúndia do seu vastíssimo e ainda hoje saboroso saber.

Era leitura preferida de Camilo, nas noites longas de São Miguel de Seide, e quantas vezes o folheava a mão já trémula do Mestre, rebuscando-lhe o con-

sólo profundo das suas dores físicas e morais, entre si enlaçadas até às últimas horas!

Muito viajou frei Heitor Pinto e muito sofreu, embora lhe fosse dado, na própria Roma, o patriótico regozijo de todos assombrar. Mas só o padre Manuel Alves Correia se atreveu ao arranque porfiado de transpor, com exaustivo esforço, para o português de hoje, esse prodígio da cultura universal e nacional dos mestres conventuais existentes nas celas dos nossos mosteiros de quinhentos.

A «Imagem da Vida Cristã», é apresentada na forma dialogada tão de uso entre os escritores da Renascença. E, visitado um compartimento da inteligência, segue-se a consequente vistoria e balanço: teologia; filosofia, medicina, matemática, agiologia, humanismo, enfim todo o complexo drama renascentista, vivido por um homem cultíssimo da própria época, passam e perpassam através da eloquente descrição dos pitorescos usos e costumes de cada terra, de cada nação, de cada continente já conhecido então.

Extrema dificuldade e máxima responsabilidade, a de actualizar e simplificar na sua justa medida tão portentosa obra, consumidora da vida inteira do seu autor e de quasi todo o abundante suco clássico do padre Manuel Alves Correia!

Tais esforços, tão extremamente respeitáveis, não admitem a vulgar facilidade *do mais e do menos*. Houve quem o fizesse, e tanto basta. Mas assombra o desprendimento e a devoção do actualizador. Anos seguidos, e o regosto de ver reimpresso e em plena circulação mental o seu tão querido e admirado frei Heitor Pinto — eram sobrada compensação ao padre Alves Correia.

Ele e seu irmão, frade do Espírito Santo, provém desse abnegado e sacrificado democrata e jornalista Alves Correia. Na estirpe desses homens que se dão, prestando-se e ardendo misticamente, ha continuidade moral completa, competência artística e gosto literário inato.

E, se o Alves Correia da «Fôlha do Povo», de quem o irrequieto Silva Pinto traçou um panegirico famoso, em que o santificava, foi exemplo de jornalistas, estes seus sobrinhos são exemplares escritores e oradores sagrados, indignando-os, no transcurso de três gerações, com a mesma vibração, que perdurem, entre os homens, a maldade e a injustiça inerentes à sua ingénita imperfeição.

No caso particular do padre Manuel Alves Correia, o seu protesto reveste a expressão do apostolado permanente em prol da paz e do melhor entendimento das inteligências.

—O facto patente das nossas imperfeições, consubstancia ele — não autoriza que autorizemos pridas vigílias em que os meses e os anos se encaneira do homem. Pelo contrário, devemos-nos à

tarefa de, conhecendo-a, reduzir-lhe a virulência, seja qual for a modalidade de que se revista! Como nas doenças, a cegueira moral é a melhor das vacinas ante o dal de violência que ameaça toda a civilização.

Pratica e predica a humildade e a pobreza. Para tal se fez padre, essa alma de democrata, lídima e integérrima.

Quando o editor Sá da Costa, sempre correctíssimo cavalheiro, lhe enviou o que considerava uma parca remuneração do exaustivo trabalho, sem falarmos já da inexcusable competência, escreveu a protestar, recordando ao editor «o voto de pobreza que ele, padre franciscano, fizera». Não lhe podia devolver o dinheiro! — e o editor Sá da Costa contou-nos, há meses, durante a inauguração da nova sede do Chiado, o caso por nós ignorado.

Mas, metidos em averiguações, descobrimos que o padre Alves Correia gastara os doze ou catorze contos recebidos numa jóia.

—E que espécie de jóia? — interrogar-se-á o leitor.

Pois, para plena tranquilidade do seu espírito, dir-lhe-emos que pudemos averiguar do destino dado pelo franciscano padre Alves Correia a tal dinheiro.

Tratava-se de uma pedra preciosa, uma linda ametista, com a qual e seu respectivo engaste, pôde presentear o seu antigo discípulo e actual perfeito apostólico da Guiné, no acto precursor da sacração.

Este, ia cumprir uma missão, das mais delicadas e complexas, e melhor destino não podia ter o produto de apreciáveis anos de labor literário.

O caso é encantador, cheio de frescura e simplicidade evangélicas, só comparáveis ao encanto dos úteis e bem trabalhados jardins-hortejos, característicos das cêrcas conventuais. Eles, os jardins, acompanham os frades com a graça permanente das suas flores; e as hortas alimentam-nos com a bondade dos frutos, a paz do ambiente, a especial fragância dos legumes e couves recém-colhidos.

A tão higiénicas regras, completadas com o sóbrio «deitar cedo e cedo erguer, dá saúde e faz crescer», pode acrescentar-se o rendimento prestado por todos os frades aos trabalhos, artes e cultura da comunidade.

Tal conservação e higiénico viver, explicam as longas idades características dos monges, sob todos os climas e em todos os séculos. E a regra conventual é em extremo severa: às cinco da manhã, tudo se ergue, excepto, é claro, os casos de doença manifesta. Só existe, como repouso averiguadamente revigorante, a sesta. Por algo há o velho rifão: — «A perdiz e o frade, de manhã ou à tarde».

A MATERNIDADE BENSUADE CASA DE SOL E AMOR!



A entrada da rua da Beneficência, ao Régo, num edifício velho, mas de boas linhas, fica a Maternidade Abraão Bensaúde que perpetua a memória daquele rico banqueiro. Foi a viúva do grande capitalista, D. Emília Abraão, quem deixou, generosamente, em testamento, 350 contos para a fundação duma maternidade destinada a socorrer raparigas pobres e abandonadas, grávidas pela primeira vez, e crianças que corriam o perigo de ser dizimadas pela mortalidade infantil. Não pôde aquela benemérita, com a filantropia do seu voto, erguer a instituição de assistência que idealizara, porque, entretanto, a desvalorização da moeda reduzia a irrisório o que parecia uma soma fabulosa. Foi, porém, o seu sobrinho, Vasco Bensaúde, que, honrando a memória dos seus mortos, deu do seu bolso o dinheiro necessário para que a obra se fizesse. E lá está — naquele prédio antigo onde freiras viveram até 1910. Em 1923, a senhora Duquesa de Palmela cedeu, apesar de andar em litígio com o Estado, por via da propriedade, o direito de a Maternidade ali se instalar.

A Maternidade Bensaúde está hoje em muitas centenas de contos, sendo tudo obra dum homem de coração, porque ali não entram subsídios oficiais. Dirigida pelo ilustre clínico dr. Francisco Félix Machado, aquela modelar casa de assistência vem prestando, no campo social, relevantes serviços. Tudo é irrepreensível na Maternidade Bensaúde. A melhor higiene, os serviços clínicos, a vigilância — e para isso possuem dedicadas enfermeiras — a alimentação e o estreito carinho que todo o pessoal sabe prodigalizar à parturiente fazem agradecer, com lágrimas de gratidão, a hospitalidade que a pobre doente ali encontra. A Maternidade não procura saber a quem socorre.

É preciso assistência, o caso é grave, presta-se auxílio. Para isso, lá está o voto de altruismo de D. Emília Abraão: «mulheres abandonadas e grávidas pela primeira vez»...

MÃES QUE ABANDONAM OS FILHOS — EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR — COMO SE GASTIGAM OS MENINOS MAUS

Outro aspecto filantrópico da Maternidade é a protecção que dão à mãe — e à criança. Geralmente, a criada de servir que veio um dia à cidade e por aqui ficou a lutar pela vida, não tem possibilidades de levar a criança depois do parto. A Maternidade encarrega-se de tomar conta dela até os sete anos — idade em que começa a frequentar a escola. Pagam, para isso, cinquenta escudos por mês e podem visitá-la quando desejarem.

Há pouco tempo — conta-nos o dr. Félix Machado — tive de pedir a intervenção da policia para o caso, de duas mães que nunca mais aqui voltaram a saber das crianças. Uma, rapidamente as autoridades a descobriam, dormindo num portal, sem éira nem beira, no Largo Barão de Quintela. Da outra, porém, não se sabia nada. Por fim apareceu, luxuosa, com boas jóias, situação irregular na vida. Preguntou o que desejavam — e quando lhe falei no filho, quasi que achou aquilo um pequeno incidente, sem importância nenhuma...

Evidentemente, não é com cinquenta escudos que se trata duma criança, desde o banho à alimentação. Qualquer garoto gasta em média, por mês, só nas refeições, entre 120 a 150\$00. São alimentadas a «Nestogénios». Há na Maternidade vinte e cinco crianças que oscilam entre os dezóito meses e os quatro anos. É uma pequena república, cheia de alegria e ruído. Tem a sua salinha de jantar encantadora, decorada com bonecas, o terraço cheio de sol, onde papagueiam sob o olhar cuidadoso das vigilantes. Em cima do simão, por volta do meio dia, passam por uma soneta. De manhã, têm o banho — e os brinquedos. Mas nem tudo é brincar. Se as maldades merecem castigo, nenhum as quer fazer com medo da «grades». Ora, esta é um quadrado, no meio do terraço, feito de tábuas, onde os meninos — e as meninas — ficam prisioneiros. Dali não podem sair. Mas o caso mais interessante é que dentro daquele pequeno recinto vêem os outros brincar em liberdade, junto deles, com os ursos, os cavalos de papelão, as bolas de mil cores. Quando chegámos ao pé da «grades» — estavam de castigo duas meninas e um garoto encantador de cabelo louro e olhos vivos. Tinham sido acusados, pela criada, de armarem os lençóis da cama num objecto muito conhecido que tem uma asa... Claro, «grades» com eles. Mas os três estavam tão unidos no protesto que, de costas voltadas para os que brincavam, papagueavam, numa linguagem estranha, talvez um clamoroso discurso de exaltação à liberdade.

REGIME DE ANONIMATO — RENDIMENTOS QUE NÃO EXISTEM — GRATIDÃO

Tôdas as mulheres doentes que se socorrem da Maternidade podem, caso queiram, ficar no anonimato. Não se exige o nome, nem saber quem é — basta um pseudónimo. Evidentemente que, enquanto do internamento, se a parturiente assim o declarar, fica, secretamente, sem receber visitas — isolada num quarto. Vimos um dos quartos particulares e impressionou-nos o bellissimo conforto que oferece. Um leito largo e alto, duas cadeiras de braços, uma elegante mesinha; as paredes são tôdas revestidas para que o ruído do exterior não possa incomodar a doente. Estes quartos, que são pagos, dão um certo rendimento que entra na parte beneficente da Maternidade, aliás bem sacrificada, devido à grande concorrência de doentes pobres. O corpo clínico, de que faz parte também o filho do director, dr. Francisco Félix Machado Júnior, todos os dias está em contacto com os serviços, e sempre pronto para qualquer emergência. As contas da Maternidade, apesar de vigorar em regime particular, são, todos os anos, envia-

das à Assistência Pública e à Junta da Provincia da Estremadura, que assim exercem um contróle fiscalizador.

O aspecto social está já relatado por dezenas de discursos e centenas de artigos de jornal. Todavia, nunca é demais salientar o interesse que mereceu a um moço de 27 anos — o sr. Vasco Bensaúde — uma bela e generosa ideia, em vias de naufragar. A idade da mocidade, despreocupada, é quasi sempre egoista mas nem sempre é esbanjada...

A Maternidade Abraão Bensaúde é, de facto, no nosso país, uma obra de assistência perfeita.

Sempre de porta aberta a quem dela necessita — aquela casa de assistência vem escrevendo na história social da nossa terra uma das melhores páginas, um dos melhores exemplos de fazer bem.

(Fotos Seródio)

MANUEL MARTINHO



↑
A brincadeira para os mais pequeninos... Não parecem até gente de siso?

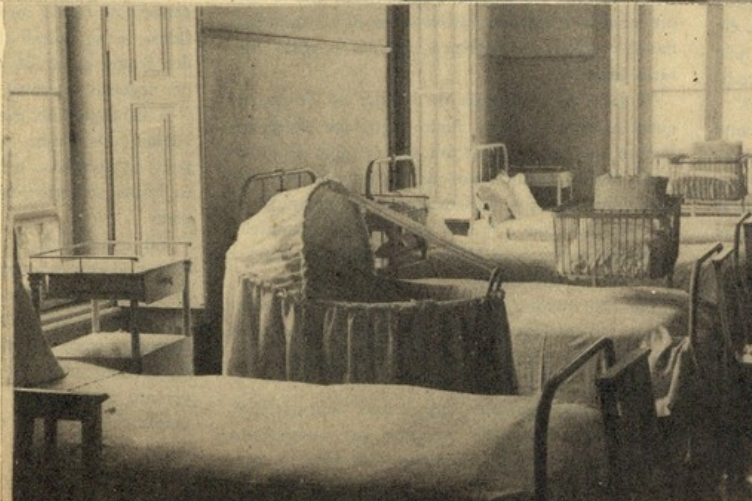


↑
Que rico banho. O bebé até se lambe, estão a ver?

→
O fotógrafo surpreendeu esta atitude íntima de um miúdo. Passemos adiante...

↑
As crianças confiadas à guarda e educação da Maternidade Bensaúde são assim fortes e saudáveis.

→
Nos quartos particulares, mães e filhos podem disfrutar de um zelo carinhoso e de um conforto insuperáveis.





★ O GEREZ ★

A MAIS BELA ESTÂNCIA DE CURA E DE REPOUSO

Já foi ao Minho? Já foi ao Gerez? Se foi — leia. Se não foi — não volte a página. Porque, no fim, sempre alguma coisa aproveitará da leitura do que segue. Não é que lhe venhamos dar novidades. Mas o acordar de impressões que porventura lhe tenham ficado de uma passagem pelo Minho e, principalmente, pelo Gerez — também tem os seus encantos e, quem sabe, as suas vantagens, para você que nos lê...

É claro que, se foi ao Gerez — é que sofria do fígado. E se hoje já não vai — é porque já não sofre. O que, aliás, não é para admirar. Milhares de portugueses e estrangeiros desfilarão pelas termas do Gerez, numa parada trágica de sofrimento, para mais tarde se confessarem curados. Diz-se — e não somos nós a desdizê-lo... — que Karlsbad lhe é inferior. De facto, as águas da magnífica estância devem ser únicas no mundo, pelas suas excelentes qualidades terapêuticas, mas cairíamos numa expressão réclamista, se afirmássemos: fui ao Gerez... curei o meu fígado!

De resto, não são somente as qualidades terapêuticas das famosas águas minhotas que impõem o Gerez perante o carinho e o interesse de todos: centro activo de vida, meio de intenso cosmopolitismo, poderemos escolher esta estância como o mais belo lugar de recreio e de repouso.

A Pedra Bela, a Calcedónia, a luz do sol que até parece ali diferente, o tapete policromo das árvores frondosas a correr, doidamente, pela encosta da serra, o seu mágico luar a povoar de vultos fantásticos as sombras da noite, a eterna e doce melopeia das águas do riozito pintoresco, à procura do abraço amoroso do mar distante — tudo o que revela o sabor do homem na organização e montagem de um estabelecimento termal que é a última palavra da ciência, tudo isso faz do Gerez a mais querida e desejada estância de cura e de repouso na península.

Depois, a vida ali é simples, de um intimismo que é parente próximo da independência de cada um que pode isolar-se ou procurar o convívio de outros doentes e sãos.

Não lhe parece? Ora confronte estas palavras com as fotos juntas!



1 — O sr. Armando Costa Lima, director da Empresa das Águas do Gerez. 2 — O Dr. Celestino Maia, director clinico da mesma estância. 3 — As águas do Gerez são também... casu-iguetras...



Crime

NOVELA POR MARQUES GASTÃO

COLUNAS de chuva açoitada pelo vento punham uma nota de tristeza e abandono no dia sombrio e baço. As pedras pareciam gemer, gritar, de molhadas até ao mais fundo... Por entre os cortinados das janelas molhadas, Eduardo espreitava, ouvia... Lentamente, a violência da chuva diminuía e a água acabava por ceder, aos poucos, em aspreza, para cair às gotas, espaçadas, dando descanso às coisas inertes... Os olhos de Eduardo afastaram-se, desinteressados...

Nas vidraças, os pingos dependurados, deslisavam até aos parapeitos das janelas e ficava apenas o baço da humidade e o frio característico...

Na rua, ouviu-se o rodar dos eléctricos e o som duma campainha que não desconhecida tocara. A agitação recomeçava. Anoitecia e já se via luz nas casas fronteiriças. Eduardo estremeceu. Os garotos apregoavam os jornais da tarde, úmidos das capas de lona. Aproximava-se a hora da saída dos escritórios. Eduardo, impaciente, queria saber o que havia. Aquela promessa de Alice deixara-o tonto. Há horas que estão marcadas pelo destino e Eduardo julgava chegada a sua hora. Por isso, ali, na sua casa de solteiro, esperava, separado da Verdade, apenas por um fio... era a sofreguidão, a sofreguidão daquela boca apetitosa, daqueles olhos claros, cheios de luz...

* * *

Queria-lhe perdidamente. Encontrara Alice num salão de chá, uma tarde, numa tarde triste como a que se fôra, e sentara-se perto dela, atraído pelo seu aspecto concentrado. Achara-a bonita. Lembrava-se de tudo como se fôsse hoje. Muito branca, o cabelo louro, em caracóis, os olhos castanhos claros e, sobretudo, os lábios entreabertos, que pareciam sorrir sempre, entusiasmaram-no.

Pediu que lhe servissem chá e não tirou mais os olhos dela. A sua insistência tornou-se notada. Alice fitara-o. Estavam apenas separados por uma mesa e pensou em dirigir-lhe um galanteio, que não deixaria de ser uma inconveniência. O acaso, porém, intercedeu. Alice tirara a cigarreira da malinha e Eduardo, amável, oferecera-lhe o lume do seu isqueiro dourado. Ela sorriu e aceitara. Compreendera o pretexto...

— Obrigada.

— Não por isto... Dá-me licença?

E apresentaram-se. Eduardo sentira-se satisfeito, bem disposto com o encontro que iria proporcionar-lhe nova aventura. Aproximou-se e, já a seu lado, pôs em acção toda a sua habilidade no «flirt».

— Uma mulher triste... só...

— Mas não... não estou triste... e só... deixei de estar... não é verdade?

— Seja. Em todo o caso... felicite-me pelo encontro... Agradeço ao isqueiro a mercê de estar aqui a seu lado... Posso falar-lhe francamente?

— Pois não...

— Agrada-me a sua presença...

Alice não lhe respondera e Eduardo não insistira. Deixara a interrogação em suspenso. Sairam ambos, juntos.

— Se me permitisse acompanhá-la... — arriscara.

— Mas não se incomode...

— Não lhe disse que me agrada a sua presença?

Alice cedera. Eram pouco mais de seis horas da tarde. Subiram a avenida, lado a lado, a conversar, sobre muitas coisas. Na Rotunda, viraram para a Duque de Loulé.

— Despeço-me aqui... não se zangue... — dissera-lhe.

— Por Deus! Mas não se vá sem me dizer onde mora. Voltaremos a ver-nos?

Alice permanecera calada, por instantes. Depois, olhara-o e os seus olhos sorriram. Abriu a mala de mão e dera-lhe um minúsculo bilhete de visita. Apertaram as mãos e despediram-se. Eduardo seguira-a com os olhos ávidos. Sentira-se perturbado, pela primeira vez. Vira-a desaparecer a meio da rua e depois reaparecer-lhe a uma janela, a sorrir-lhe.

Estava enamorado duma desconhecida! Pela primeira vez, deixara-se apalpar. O coração batia-lhe com violência e, de repente, sentira vontade de pular, de rir e pôs a assobiar.

— Infantilidades! — dissera, então.

No dia seguinte, telefonou-lhe e combinou novo encontro, no mesmo lugar. E os dias foram passando, depois as semanas e os meses, a cimentar um afecto que nasceria e cujo fim não podia ainda hoje avaliar. Deixara-se prender, apaixonara-se...



Uma tarde, viu Alice mais triste e pareceu-lhe ter descoberto nos olhos vestígios de lágrimas recentes.

— Tu choraste, Alice? — perguntara-lhe.

— Não...

Mas a resposta era débil, para que a julgasse verdadeira.

— Por quê? Bem sabes... tu choraste...

E ela contara-lhe a verdade:

— Sim, chorei. Por ti e por mim e... por eles. Perdoa-me... Eu sou casada, Eduardo e... tenho um filho! Mas é de ti que eu gosto. Ele está doente, muito doente, condenado a viver o resto da vida numa cama, paralisado. Tortura-me e eu fujo de casa, não posso mais. O pequeno é o único laço que nos liga. A ele, sobretudo desde que te encontrei, só me prende a piedade! Meu amor, não posso mais! Salva-me, Eduardo!

O que ele sofrera com a revelação! Era o inevitável. Amavam-se há meses e nem um beijo haviam trocado; viam-se todos os dias, falavam-se e... só depois... ela lhe dizia a verdade...

Mas... adaptaram-se àquela vida, separados por um inútil. «Ele» era a sombra má de duas vidas estuantes de entusiasmo e frescor. Mas havia ainda a criança e Eduardo teve um dia uma ideia. Queria Alice a seu lado, fôsse por que preço fôsse. Que fugisse com o filho e viesse para a sua casa de solteiro. Falou-lhe nisto uma tarde, com cuidado, tateando o terreno, adoçando o projecto com palavras carinhosas, delicadas...

— Depois... depois de «flee» morrer... agora, não... Depois... casaremos... Isto assim é um inferno...

— Espera mais algum tempo, Eduardo. Compreendes... «flee» já desconfiou... temos de evitar tantos encontros... Logo que eu possa... deixa que a desconfiança desapareça... espera por mim...

E... estava à espera... Alice prometera-lhe na véspera vir para seu lado com o filho. E as horas doam-lhe, confundiam-no. Sentia-se alegre, feliz, mas não sabia explicar o motivo do seu desassossego. Tinha confiança em Alice, sabia que ela não faltaria, mas começava a ter receio das conseqüências, a temer qualquer coisa...

Ouviu bater. Estremeceu e foi, quasi a correr, abrir a porta. Diante d'ele estava um moço, com um envelope na mão. Conheceu a letra: era de Alice. Perturbado, agarrou no envelope e foi sentar-se. Nervoso, abriu a carta e leu:

«Eduardo, não posso. Ele precisa de mim. Sei que vais sofrer, mas não posso separar-me d'ele. É pai do meu pequerrucho e devo sacrificá-lo. Perdoa-me. Cada qual tem a sua cruz. A minha é esta. Lembrar-me-ei sempre de ti nas horas piores da minha vida... Que Deus te faça feliz, Eduardo. A mim, resta-me a criança... a ela me dedicarei para o resto da vida. Alice.»

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Terrão *

Capítulo XXII - a guerra no ar e no mar

4

A LUTA CONTRA OS SUBMARINOS

ENTRÉ Janeiro e Junho de 1942, como dissemos, a guerra no mar continuou a ser assolada pelos ataques realizados, em grande escala, por submarinos alemães contra a navegação aliada no Atlântico e no Ártico. A principal força de submarinos continuou concentrada nas proximidades do continente americano. Entre o mar das Caraíbas e o Golfo do México, especialmente, acumulavam-se dezenas de submarinos entre os quais se contavam alguns de nacionalidade italiana. Simultaneamente os submarinos do Eixo operavam nas proximidades da foz do S. Lourenço onde infligiam à navegação aliada e neutral perdas sensíveis.

Embora menos poderosas, também se assinalavam concentrações de submarinos na rota do Ártico. Essas concentrações tinham as suas bases nas costas da Noruega e da Finlândia e a sua acção era activamente apoiada por navios alemães de superfície, que operavam a partir de Uthmaniyah, e por numerosos aviões especializados no ataque aos comboios que transportavam material de guerra e mercadorias diversas para a Rússia.

Uma terceira concentração de submarinos tinha sido localizada nas águas da costa ocidental do continente africano e na costa oriental do Brasil, sendo igualmente sensíveis os estragos por ela produzidos na navegação aliada que sulcava o Atlântico sul. Esta concentração era em grande parte, constituída por submarinos italianos mas dela faziam igualmente parte algumas unidades alemãs daquele tipo.

O perigo submarino conseguira ser, em parte, dominado apenas nas proximidades das ilhas britânicas devi-

do a uma vigilância aturada e sobretudo à cooperação estreita entre as unidades de superfície encarregadas do serviço de vigilância e os aviões do Comando Costeiro cujas tripulações se tinham aperfeiçoado e prestavam excelentes serviços melhorando, de maneira sensível, a maneira que o tempo decorria e elas se iam habituando àquêle género de serviços. Mas duma forma geral o perigo submarino continuava a ser a principal ameaça que impedia sobre a Grã-Bretanha.

A ARMA AÉREA

A Grã-Bretanha, sobretudo, depois da grande batalha (1940) que se traduzira pela salvação do seu território conseguira, rapidamente, o desenvolvimento da sua força aérea capaz de lhe permitir manter-se eficazmente na defensiva, enquanto esta lhe fôsse imposta, a passar, oportunamente, à ofensiva, caso esta viesse um dia a ser possível. A própria luta anti-submarina só poderia ser realizada, eficazmente, no dia em que a aviação britânica estivesse em condições de atacar duramente as bases de onde partiam os submarinos alemães, e que se encontravam nos portos da costa ocidental de França (Havre, Brest, Saint Nazaire), e os centros de construção localizados na Alemanha do Norte onde se produziam anualmente algumas centenas daqueles engenhos.

O problema da luta anti-submarina era, essencialmente, um problema de defesa e não, como alguns pretendiam, um problema de construções. De que serviria construir milhares de toneladas de navios mercantes, se estes estavam, de ante-mão, votados a irem para o fundo do mar? É certo que o incremento da construção naval devia considerar-se um dos fundamentos da estratégia dos Aliados pois, fundamentalmente, essa estratégia repousava sobre o funcionamento normal das suas vias de comunicação marítimas. Mas no aspecto especial e fundamental da luta anti-submarina, era preferível destruir um submarino ou afastá-lo, no momento oportuno dum comboio, do que lançar navios à água. Foi isso que rapidamente perceberam as autoridades navais anglo-americanas que, esclarecidas pelas lições da última guerra, se lançaram no caminho de aperfeiçoar a defesa da sua navegação mercante nas rotas ameaçadas. O meio mais eficaz de realizar essa defesa consistia em aumentar as escoltas da arma aérea ao seu serviço. Atacar as bases de submarinos, bombardear os estaleiros de construção e os centros industriais onde se concentrava a fabricação de peças e acessórios, eram as razões que justificavam o desenvolvimento inespereado dado em Inglaterra à indústria de construção aeronáutica. Pela primeira vez na sua história, certamente, os ingleses davam preferência ostensiva a uma arma de guerra que ameaçava destronar o seu poder naval afirmado durante séculos.

A EFICÁCIA DOS BOMBARDEAMENTOS

Acontece que, no período a que nos estamos referindo, este sentimento de ordem geral aparecia contrabalançado por uma desilusão crescente em relação à eficácia dos bombardeamentos aéreos. Os ingleses, como tinham resistido a esta forma de fazer

ar-guerra, mal concebiam que o simples facto de lançar bombas ininterruptamente sobre o território do inimigo pudesse conduzir a uma decisão, embora reconhecessem que os estragos provocados pela acção seguida da arma aérea não podiam deixar de afectar a economia do Reich e dos seus aliados e, ao mesmo tempo de actuar sobre o moral e a unidade das populações.

A esse respeito a sua mentalidade custou a evoluir. Este facto deve causar tanta maior estranheza, quanto é certo que o emprego das armas de efeitos lentos, as quais não conduzem a resultados imediatos ou espectaculosos, constitui, em tempo de guerra, um dos pendores irresistíveis da população britânica. Durante a última guerra, como durante a actual conflagração, as principais esperanças da nação inglesa estiveram invariavelmente, como em muitos outros momentos graves da sua história, depositadas na acção do bloqueio naval. Os homens de Estado mais escutados foram sempre, em tempo de guerra, aqueles que advogaram a necessidade de vencer o adversário pelo emprego de armas de efeitos lentos mas seguros.

Uma das razões do afastamento do sr. Churchill, durante alguns anos, das cadeiras do poder foi, como se sabe, o resultante desastroso da expedição dos Dardanelos, que, fundamentalmente, tinha sido empreendida para encurtar a duração duma guerra que estava sendo particularmente mortífera. A sua ascensão mais tarde ao cargo de Primeiro ministro foi o produto de circunstâncias excepcionais e não dum consentimento tácito dos seus compatriotas, o qual só mais tarde foi conseguido de maneira como ele conseguiu conduzir a guerra. Mas, no desempenho dessas funções e com as responsabilidades que delas resultavam, o sr. Churchill regressou a uma concepção tipicamente britânica da condução da guerra. Para ele, e foi essa a interpretação que por inspiração sua o poder procurou dar à nação britânica, o emprego da arma aérea constituía uma modalidade do bloqueio e devia ser praticado em função do desgaste sistemático dos recursos do adversário e das suas fontes de produção.

UM PERÍODO DE CRISE

Compreende-se, neste quadro, o desapontamento da população inglesa ao verificar que os estragos provocados pela arma submarina eram incomparavelmente mais sensíveis, mais ostensivos e espectaculosos do que aqueles que se podiam produzir o emprego simultâneo do bloqueio naval e do bloqueio aéreo. Este sentimento coincidiu com a polémica viva travada entre os partidários da liquidação da guerra pelo simples uso dos bombardeamentos, até um ponto de saturação imprevisível, e os que afirmavam que só uma acção militar terrestre, em grande escala, com um sacrifício em vidas difícil de prever, seria capaz de conduzir a guerra, num prazo de tempo mais ou menos curto, a uma decisão vitoriosa.

Essa foi certamente uma das razões que levaram o Comando de Bombardeiros, confiado ao marechal do Ar Arthur Harris, a empreender algumas acções espectaculosas que além dos seus efeitos militares, tinham por objectivo evidente convencer a população de que a política que consistia em aumentar sempre o



«Sir Archibald Sinclair, ministro da aeronáutica, que preconizou num notável discurso, a colaboração entre as diversas armas.»

valor da força aérea era a única que podia traduzir-se por efeitos decisivos em relação ao potencial de guerra do adversário.

O caso do «Scharnorst» e do «Gneisenau» veio contribuir, ainda, para adensar este sentimento que se generalizou no começo de 1942 entre o povo da Grã-Bretanha o qual, embora confiando nos seus dirigentes, duvidava que os métodos até ali empregados pudessem conduzir, com certeza, (a questão do tempo para ela era considerada como de importância secundária), a uma vitória completa. A certeza de que isto era assim voltou a fazer nascer, entre os adversários da Grã-Bretanha, a esperança de que ela acabaria por aceitar um compromisso baseado em razões de ordem política embora essa decisão pudesse vir a traduzir-se pelo sacrifício dos interesses de outra potência.

A OFENSIVA AÉREA

Esta convicção dissipou-se rapidamente à medida que a aviação britânica, estabelecendo uma contrapartida de resultados visíveis em relação aos prejuízos causados pela intensificação da guerra submarina, intensificou, a partir dos primeiros dias de Janeiro de 1942, a sua acção contra o território do Reich, da Itália e dos seus aliados. A entrada dos Estados Unidos na luta dava-lhe a certeza de que o potencial industrial deste país não tardaria a fazer-se sentir, de maneira decisiva, na balança das forças em presença. Ela podia, portanto, lançar numa ofensiva de grandes proporções todo o seu poder aéreo. Foi isso que efectivamente aconteceu.

Por outro lado a continuação da campanha da Rússia obrigava a «Luftwaffe» a uma dispersão de forças que era muito importante para a realização duma estratégia aérea conjugada por parte dos adversários do Reich. Esse benefício não era, porém, total pois com a dispersão de forças não coincidia uma sincronização perfeita das construções aéreas dos dois blocos beligerantes. Nem todos os aparelhos produzidos na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos podiam ser empregados contra os cen-



Marechal do Ar, Arthur Harris, comandante da aviação de bombardeamento um dos grandes defensores do fortalecimento da força aérea, para a boa marcha da guerra.

trois industriais do ocidente e do sul da Europa continental, como seria de desejar, pois uma parte d'elles tinha de ser distraida para a Rússia onde a sua falta se fazia sentir de maneira crescente à medida que iam sendo ocupadas pelas tropas alemãs algumas das regiões soviéticas mais fortemente industrializadas.

Entretanto, é licito dizer que, a partir de 1942, o Reich foi obrigado a fazer uma guerra aérea em duas frentes. A sua aviação deixara praticamente de atacar o território britânico. Assim a Grã-Bretanha pôde dar um desenvolvimento inesperado à sua indústria aeronáutica. Tendo organizado provisoriamente o seu plano de treino imperial fora da metrópole, especialmente no Canadá foi-lhe possível simultaneamente fabricar aviões e instruir pilotos e tripulações de aviões que num dado momento a R. A. F., pôde, com razão ser considerada a força mais numerosa e mais eficaz de todo o mundo.

UMA EXPLICAÇÃO OFICIAL

Indo ao encontro dos sentimentos profundamente generalizados entre os seus compatriotas, o ministro do Ar da Grã-Bretanha, Sir Archibald Sinclair, proferiu um importante discurso no Guildhall que visava, simultaneamente, a esclarecer e a tranquilizar a opinião pública alarmada pelo curso da guerra.

Segundo as suas declarações, era a necessidade de fazer cooperar a força aérea em grande escala nos ataques contra os submarinos inimigos, tarefa reconhecidamente exaustiva, que impediu a aviação de bombardeamento de actuar com a energia que seria necessário contra o território inimigo. Não deviam, porém, os ingleses alarmar-se por esse facto pois o ritmo de construções attingia um tal grau que não tardaria o momento em que a R. A. F., se encontraria em condições de satisfazer, ao mesmo tempo, os dois fins principais assinalados para a sua acção.

Sir Archibald, nesse seu discurso, occupou-se largamente da necessidade crescente de atacar as bases de submarinos alemães estabelecidas na costa francesa do Atlântico, tarefa pouco brilhante, mas cujos resultados não deixariam de se fazer sentir oportunamente na diminuição do ritmo de construções de unidades daquelle tipo.

Para apoiar, com algumas medidas práticas, estas palavras, a aviação britânica realizou, por essa altura, ataques de esvaziadura contra cidades alemãs especialmente designadas como objectivos de guerra por serem centros industriais de primeira ordem. Os principais ataques realizados por essa altura foram, principalmente, dirigidos contra as cidades de Hamburgo, Bremen e Emden. Os seus efeitos foram particularmente sensíveis na primeira.

DOIS ACONTECIMENTOS IMPORTANTES

Passados poucos dias sobre o dis-

curso do Guildhall, Sir Archibald fez na Câmara dos Comuns uma larga exposição a respeito das questões correntes pelo seu departamento. Esse discurso foi um dos mais importantes da sua carreira e um dos mais importantes proferidos por homens de Estado ingleses desde o início do conflito. Mas a proximidade destas declarações revelava, claramente, a intenção do governo de Londres de dissipar todos os elementos de perturbação que pudessem influir no moral da população e entre os quais se contavam as apreciações divergentes sobre a verdadeira eficácia da acção da aviação e especialmente da acção da aviação de bombardeamento.

Sir Archibald começou por pôr em relevo a importância crescente de que se revestia a colaboração entre as diversas armas. Em 1940 essa colaboração, praticamente, não existia. Cada arma actuava isoladamente tendo assinalada uma função de que se desempenhava, sem qualquer relação com a acção das outras armas. Sob esse ponto de vista, as campanhas da França e da Noruega tinham sido, para os chefes militares britânicos, uma autêntica revelação. Na campanha da Noruega a aviação agira em estreito entendimento com a esquadra. Na campanha da França as divisões blindadas e a aviação de bombardeamento tinham cooperado estreitamente. Tinha sido essa a principal indicação para as vitórias militares alcançadas pelo Reich nessa fase da guerra.

O que os alemães tinham conseguido fazer dois anos antes, estavam os ingleses em condições de fazer tendo aperfeiçoado, até limites anteriormente imprevisíveis, o grau de cooperação entre as diversas armas. A aviação e o ministério de que ella dependia colaboravam intimamente com o Ministério da Guerra e com o Almirantado. Esta exposição não tardou a ter a confirmação dos factos na execução dos planos de bombardeamentos sistemáticos, que attingiu o seu ponto culminante em Maio daquelle ano, e nas campanhas em que, mais tarde, tiveram de intervir as forças militares britânicas. Em 4 de Março Sir Archibald Sinclair, justificando o orçamento do seu ministério, proferiu um terceiro discurso que teve, como o anterior, a aprovação unânime da Câmara dos Comuns.

Segundo recentemente foi revelado as autoridades aeronáuticas dos países aliados tiveram, por essa altura, conhecimento de que a construção de aparelhos no Reich sofrera uma transformação sensível. Em vez de construírem, como até alli, aparelhos de bombardeamento em grande escala, a indústria aeronáutica alemã passou a construir um número cada vez maior de aparelhos de caça. Este facto foi considerado como uma indicação de que, mais cedo ou mais tarde, o Reich passaria da ofensiva à defensiva, o que efectivamente, algum tempo depois, foi oficialmente anunciado num discurso proferido pelo Führer perante o Reichstag (30 de Setembro de 1942).

(Continua)



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORRE ESTA TABELA PARA REFERENCIA FUTURA)

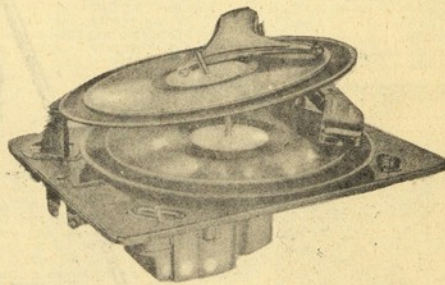
Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
7.45	WRUL	38.4 m.	WRUW	49.6 m.	WKJL	39.6 m.
8.45	WRUL	38.4 m.	WKJL	30.7 m.	WKTS	39.6 m.
9.45	WKJL	30.7 m.	WKTS	39.6 m.		
12.45	WKJL	19.6 m.	WGEO	19.5 m.		
13.45						
14.45	WRUW	25.3 m.	WKJL	19.6 m.		
17.45						
18.45	WRUS	19.8 m.				
19.45	WGEO	25.3 m.	WRUS	19.8 m.		
20.45 às 21.15	WGEO	19.5 m.	WRUS	19.8 m.	Meia hora de programa especial em português e noticiário.	
21.45						
22.45	WKJL	30.7 m.				
23.45						

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

DISCOFONES COM MUDANÇA AUTOMÁTICA DE DISCOS

EM CAIXAS DE MADEIRA DE BELO ACABAMENTO, PERMITINDO A AUDIÇÃO DE 8 DISCOS GRANDES E PEQUENOS SEM QUALQUER INTERRUPTÃO



O aparelho ideal para os amadores de boa música

Est. VALENTIM DE CARVALHO R. NOVA DO ALMADA, 97

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crustas, feridas, arupções, arandias na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drogarias Preço avulso: -11\$00



PASTA MEDICINAL

Couto

CURA estomatites **TRATA** as doenças da boca

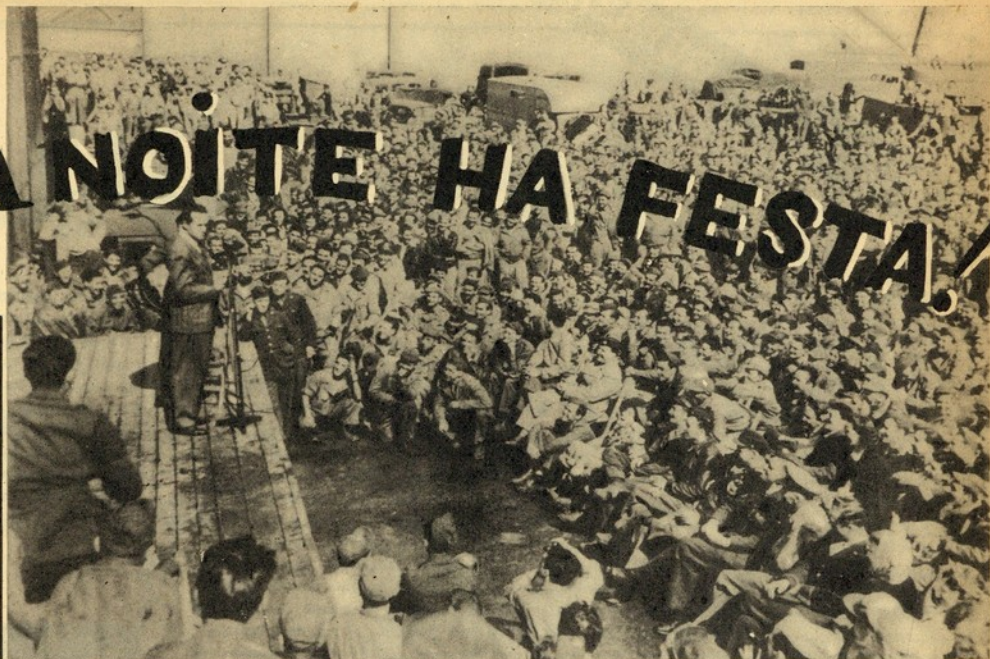
«SIR» SAMUEL HOARE—O jovem aluno de Harrow e Oxford, que um belo dia se filiou no velho partido conservador, estava naturalmente fadado para primeira figura do xadrez mundial da política. Foi deputado, ministro do Ar e da Índia, ministro dos Negócios Estrangeiros, quando a Itália se lançou na acção contra a Etiópia. Hoje, é o ministro da Grã-Bretanha em Madrid. Sobre ele, assiste-se a atenção e o interesse mundiais. É que todos sabem quanto tem sido persistente, incisiva e conseqüente a sua política — uma política que, ainda há pouco, ocupou telegramas especiais na Imprensa e que o obrigou depois a voar de Madrid a Londres, onde o sr. Eden tomou conta das suas informações.

(Caricatura de SANTANA)



ESTA NOITE HA FESTA!

OS
SOLDADOS
TAMBÉM
PRECISAM
DE
ALEGRIA!



AS mais lindas e magnificas artistas de Hollywood andam de terra em terra, em caravanas, a cantar, a dançar e a dizer coisas engraçadas diante de microfones, para os soldados americanos. Essas caravanas deslocam-se às vezes para fora do continente; outras, ficam junto das tropas ali aquarteladas, em treinos violentos e à espera que chegue a sua vez de partir para a frente de combate.

Qualquer barracão, casino, ou o que quer que seja, serve para improvisar um palco, montar um microfone — todos eles recebem as maiores facilidades do governo — e apresentar programas aliciantes.

Assim fazem — pela ordem das fotos, de cima para baixo e a partir da esquerda: Bette Davis, Gracie Fields, Al Johnson, E. Brown, Rita Hayworth e Edy Lamarr...

Todas bonitas, todas estrelas — não dá mesmo gosto ser soldado, só para as ver assim de perto?



LEGENDA da CALÁBRIA

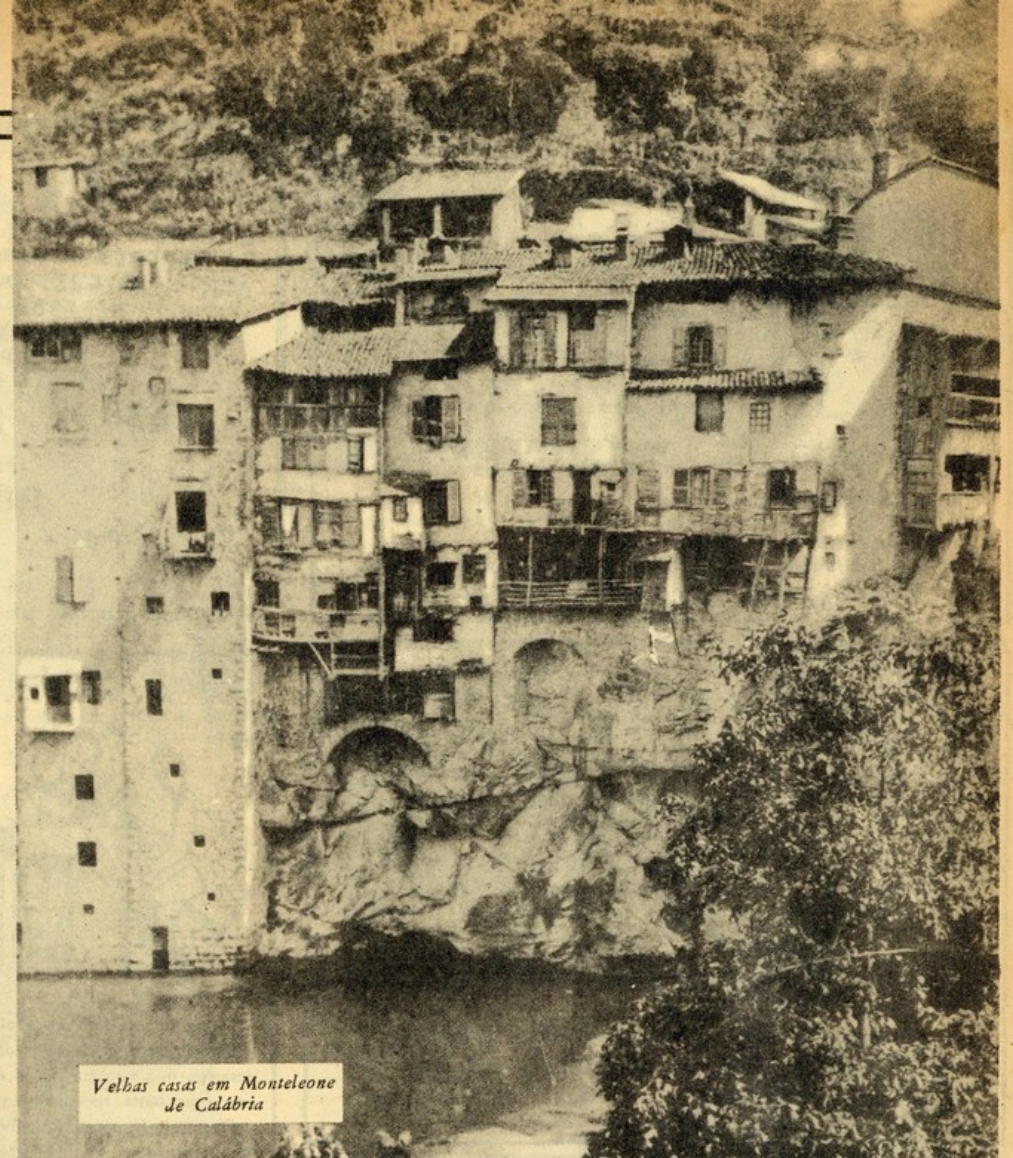
O azul melancólico desce uma suavidade luminosa a envolver a solidão da montanha, rasgada pelos sulcos tortuosos das estradas. Dir-se-ia que só a morte divaga na profunda meditação dos abismos, tal a quietação suspensa sobre a rocha e a urze. Tudo parece dormir na expressão solitária destas regiões caladas que não deixam transpirar nenhum sussurro nas folhagens das árvores: mudez supersticiosa, quietação dominadora. Mas logo, a rasgar este sonolento silêncio de esquecimento, o rodar duma carruagem levanta uma nuvem doirada. O ráque-ráque da mala-posta amortece de súbito, o postilhão reteza as rédeas dos cavalos, e assomam aflitivas as cabeças dos viajantes, terrificados diante da imprevista aparição dum grupo de cavaleiros. Um deles costuma trazer o rosto velado por uma máscara. É o chefe do bando. Fala um dialecto montanhês onde cada sílaba tem uma intonação especial — mas prefere dirigir-se num italiano agridoce para, com palaciana amabilidade, convidar toda a gente a descer, lamentando que a vigem se interrompa por coisa de tão pouca monta. Descobre-se diante das senhoras — assustadas como gazelas que julgam cair nas presas do gavião. É um salteador de boas-maneiras, sorridente, cortez, uma espécie de Luís XIV do roubo à mão armada que tem por Versailles os imensos domínios das cordilheiras. Pede que lhe perdoem o incómodo, mas os seus quadrilheiros têm de esviatar os bolsos dos viajantes, enquanto outros se encarregam de saquear as bagagens. Quando acontece encontrar personalidade de destaque ou grande-senhor com crédito nos Bancos, para o perseverar dos perigos duma viagem acidentada, costuma retê-los, conduzi-los para um dos seus inúmeros refúgios confortáveis da montanha, onde ficam à sua ordem como refens, sempre com magnífico tratamento e servidores delicados. Não faltam excelentes vinhos de Bolonha, nem cozinha requintada. No seio misterioso das serranias dispõem de cavernas enormes que são como grutas dum conto oriental. Carreiras de trilho confuso descrevem o labirinto que conduz a passagens secretas. Estes caminhos impenetráveis aos profanos, vigiados por um exército de sentinelas, formam o território de Sua Magestade o Rei dos Bandoleiros. Tem por fronteiras as encruzilhadas, por lei a «vendeta», e o roubo por religião. É um povo à margem da civilização, mas que usufrue dela os benefícios, não desdenhando dos privilégios do ouro. Carácter étnico, talvez o do nómada: mistura de sangue deambulante de cigano e de nervos aventureiros de levantino. Certa poesia mórbida nos costumes de tribo, fanatismo de obediência cega ao soberano da montanha, — o heroísmo estravagante do perigo, certa predilecção pela vida livre debaixo das estrelas, aspirando o mesmo ar que tem afagos de plumagem nas ondulações do Mediterrâneo e roça a crista dos cerros e balbucia à boca das ravinas. Este cenário, estas figuras de novela, revelam-nos a região mais explorada pela fantasia dos romancistas, esse simulacro de península a que o mar Tirreno parece ter dado atmosfera fénícia e o mar Jonio um ambiente misterioso. Procurei a latitude 37° 56' e 40° 7' e a longitude 24° 48' e 26° 22' e encontrarei a região em cujas estradas ínvias, cortadas à beira das gargantas profundas e dos despenhadeiros escancarados, os viandantes eram ontem assaltados por bandos temíveis de salteadores que ali faziam ninho para as suas ousadas expedições de bacamarte aperrado e sorriso ativo: a Calábria, pátria do bandido do século XIX. Homens de diversas raças ali se arremeteram nas hostes do grande-senhor das Montanhas, esse imperador coroado pela lenda do génio da Aventura.

Semi-Deus governando uma nação de bandidos dentro duma nação civilizada, dispoño de fabulosos recursos, temido, adorado, invejado. A Itália não era ainda uma unidade racial e política. Nápoles tinha um rei poderoso. Quem ousava erguer à altura dessa testa coroada o poderio doutra realeza que se exercia dentro do mesmo Estado e do mesmo território? O sal-

teador das montanhas, com milhares de sequezes fidelíssimos, incorruptíveis.
Do Rei dos Bandidos dimanava um poder único, respeitado como um dogma, à maneira da realeza dos tziganos e dos boémios. Esta soberania transmitia-se de geração em geração. A literatura apoderou-se desse vínculo tradicionalista, e trouxe para as páginas do romance a história romanesca dos bandidos calabreses.
Quem se não lembra do *Fulminante da Estalagem Maldita*, de Noir? Quem não recorda o Luigi Vampa

do *Conde de Monte Cristo*, de Dumas, e não julga ainda ouvir a voz do seu lugar-tenente, aquele simpático Peppino que dizia a Danglars: — «Perdõe, Excelentíssimo! Aqui paga-se antes de comer...»
Já não há bandidos em Catanzaro. Perdeu Copenza a sua quasi lendária fascinação de refúgio de salteadores. Mas a Calábria e os seus quadrilheiros, ficaram para sempre nos romances de aventuras...

JORGE RAMOS





DIA E NOITE...

Os inegaláveis cremes de beleza

Rainha da Hungria

velarão pela Mocidade da sua pele!

Elogios... para quê?

Basta dizer que são produtos

M. ME CAMPOS



ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
LISBOA - RIO DE JANEIRO



FIXADOR
Cliper

Conserva os cabelos bem penteados e brilhantes,
todo o dia, e não tem gordura

BOIÃO - 12800

— A' VENDÁ NAS BOAS CASAS —

Companhia Nacional de Navegação

VAPOR "SOFALA"

NA SEGUNDA QUINZENA DE OUTUBRO,

PARA A COSTA OCIDENTAL

Recebe carga e passageiros

LISBOA — Rua do Comércio, 79 e 85

Telefs. 23021 a 23026

PORTO — Rua Infante D. Henrique, 73

Telefone 1434

PAPYRUS

PAPYRUS — O melhor papel para escrever
PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito
PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.
PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
PAPYRUS — O melhor papel para cartas



PAPYRUS
Extra Strong

A venda nas Papelarias e Tipografias

Depósito geral:

Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)

Rua dos Correios, 70

LISBOA

End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854

AI O FATO!...



Ficou com o fato manchado?
Foi o tareco o causador deste
desastre, mas também não é mo-
tivo para tanta apoquentação!
Com calma, pouco trabalho e
um pacote do CASULO LIMPA
FATOS fica como novo.

Produto fabricado com 6 sub-
stâncias químicas diferentes e
inofensivas. Tira o lustro, as nó-
doas e o mau cheiro dos fatos
com muito uso.

Desinfecta, limpa e dá aos
fatos novo apresto, a aparência
que eles têm quando vêm do
alfaiate ou da modista.

Cada pacote custa apenas 2\$00
e dá para 1 litro de sótulo.

Em todas as dro-
garias do País.

Revenda:
RUA DA MADA-
LENA, N.º 128, 2.º
LISBOA



TRES EDIÇÕES DE "VIDA MUNDIAL" TRES ÉXITOS!

OS 295 DIAS QUE ABA-
LARAM A FRANÇA
Por ACÚRCIO PEREIRA
Preço: Esc. 12\$50

A PRIMEIRA ALIANÇA
PORTUGUESA
Por RAFAEL MARÇAL
Preço: Esc. 5\$00

A ESFERA MISTERIOSA
Romance policial de
MAX FELTON
Preço: Esc. 8\$00

A VENDA EM TODAS AS
LIVRARIAS E TABACARIAS

Ex. mas Senhoras

Ao voltarem de suas férias
visitem os lindos modelos de
VESTIDOS, CASACOS, CONFECÇÕES DE
PELES E "LINGERIES"
Expostos nos salões de
LUCINDA & INEZ, L.ª DA
R. D. Estefânia, 117, 1.º

Vida MUNDIAL Ilustrada

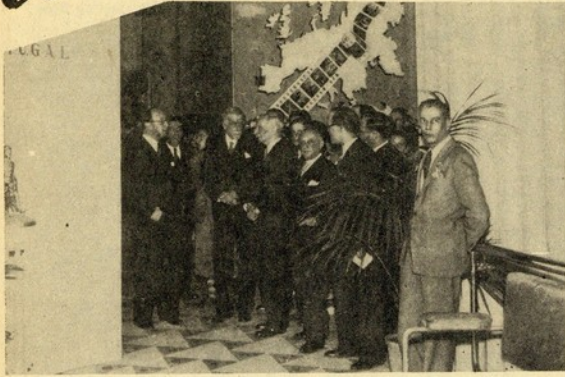
NOVOS PREÇOS DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS ADJA- CENTES	ESTRANGEIRO (com convenção)
3 meses (13 números).....	6 meses (26 números).....
6 " (26 ").....	12 " (52 ").....
12 " (52 ").....	
ÁFRICA PORTUGUESA	ESTRANGEIRO (sem convenção)
12 meses (52 números).....	6 meses (26 números).....
	12 " (52 ").....

"VIDA MUNDIAL ILUSTRADA", é composta e impressa nas Oficinas
Gráficas Bertrand (Irmãos), L.ª — Travessa da Condessa do Rio, 27
— Lisboa. — Distribuidores exclusivos para Portugal e Colónias:
Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2.6942.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Actualidades GRAFICAS



Com a presença do sr. general Carmona inaugurou-se, conforme já havíamos referido, uma curiosa exposição de filmes: A I Exposição de Arte e Indústria Cinematográfica, do Estoril.



Na sua vivenda, em Vila Nova de Gaia, ofereceu uma linda festa de despedida dos seus muitos amigos, o sr. cônsul da França no Pôrto, sr. barão d'Alexandry, que parte em breve de regresso ao seu país.



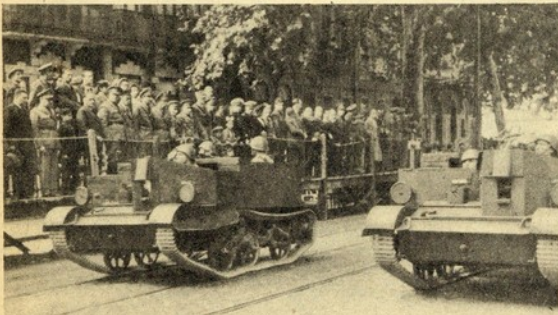
Para Cabo Verde partiu, há dias, o sr. capitão de fragata João de Figueiredo, que foi ocupar o alto cargo de governador daquela importante provincia ultramarina. Ao embarque assistiram altos funcionários do exercito e do Ministério das Colónias



Numa das salas da secção de Imprensa da Legação da Alemanha, o sr. Carl Optz, director da Universum Film Aktiengesellschaft, de Berlim, efectuou uma conferencia sobre «O desenvolvimento do filme colorido alemão e da fotografia colorida, segundo o sistema Agfa Colors».



Joaquim e Dulce de Oliveira — dois artistas da Rádio — interpretaram, há dias, pela segunda vez, a peça de Charles Oulmont «A inconsciente», para os ouvintes de Rádio Peninsular. A peça — traduzida por Madama Araújo Pereira — foi um êxito que esta foto documenta.



Os soldados portugueses desfilaram no Pôrto, numa vibrante demonstração de força, perante o sr. Subsecretário do Estado da Guerra, alta officialidade e muitos convidados, enquanto o povo, bom e entusiasmado, não se cansava de aplaudir as tropas desfilando.

«Noite Veneziana» — use intitulou a festa realizada há pouco, em Paço de Arcos, em casa do sr. Filipe Taylor, e organizada por uma comissão de senhoras. Artistas da rádio e da teatro tomaram parte no espectáculo que precedeu do baile.



Os operários católicos portugueses partiram para Fátima, numa grande jornada que realizaram a pé. Para os acompanhar seguiram os escoteiros.





O almirante Dzure, comandante da marinha de guerra italiana, da base de Tarento, rendeu-se às forças anglo-americanas, cumprindo, assim, as condições do armistício e acedendo ao convite de Cunningham. Ei-lo que chega a Valeta, onde os ingleses o aguardam com honras militares. A rendição deu-se na sexta-feira, 10 de Setembro, quando a luz brilhante de um pôr-de-sol mediterrânico assinalava a chegada do considerável número de unidades: dois couraçados — «Andrea Doria» e «Julio Cesare» — cinco cruzadores e dois «destroyers». Na foto, vemos o almirante Dzure com o seu estado-maior, saindo e inspecionando a guarda de honra, no momento em que chegava a Malta. O almirante «sir» John Cunningham acompanha-os.